

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRISCILA SCOVILLE

**AS MULHERES DO FARAÓ: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DAS
RAINHAS TIYE E NEFERTITI DURANTE O REGIME DE
AMENHOTEP IV/AKHENATON (c. 1352 - 1336 AEC)**

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PRISCILA SCOVILLE

**AS MULHERES DO FARAÓ: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DAS
RAINHAS TIYE E NEFERTITI DURANTE O REGIME DE
AMENHOTEP IV/AKHENATON (c. 1352 - 1336 AEC)**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do diploma de graduação em História Memória e Imagem. Departamento de História. Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto

CURITIBA

2014

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa não é feita por uma pessoa só. Todos que nos cercam, nos apoiam e opinam estão ajudando na construção de um pensamento e na formação do pesquisador. Por isso, essa monografia contou com a colaboração de muitas pessoas, que merecem minha gratidão.

Inicialmente gostaria de agradecer aos meus pais, avós e madrasta. Débora, André, Maria Cecília, Francis, Zenilda, José Alípio e Carla, que sempre me apoiaram e possibilitaram que eu fosse quem eu sou hoje.

Agradeço, também, ao Otávio, minha âncora, que aceitou cada crise que tive e que me ajudou a crescer, como pessoa e como historiadora, nos últimos dois anos e meio.

Aos meus irmãos, Bianca e Felipe, que por mais que nos desentendêssemos, o que não foi - e ainda não é - pouco, sei que sempre torceram por mim. A Fabi, irmã que a vida me deu.

Sou grata ao meu orientador, Prof. Dr. Renan Frighetto, que me acolheu e deu a oportunidade de eu seguir com os estudos acerca do Egito Antigo, mesmo que sua pesquisa esteja temporalmente distante da que foi proposta por mim.

Agradeço à AMORC, onde tive a oportunidade de estagiar durante dois anos no Museu Egípcio. Aqui, gostaria de enviar um *muito obrigada* especial à Vivian, minha chefe e grande estimuladora. Graças a ela aprendi muito no período que estive no Museu.

Ao Moacir e a Liliane, por tudo que me ensinaram (mesmo que em conversas casuais), por toda a paciência e disposição que tiveram comigo.

Às meninas, Alê, Vê, Lê, Carol, Bru, Nath, Thi, GiJaque e Marinas, amigas de infância, que estiveram comigo na maior parte da minha vida e que eu levarei para sempre.

Não posso deixar de agradecer aos professores que tive durante toda minha vida, que ajudaram na minha formação e transmitiram seus conhecimentos. Eles estimularam minha vontade de aprender e minha curiosidade pelo mundo. Eles me ensinaram a questionar e ser crítica com tudo que me deparo.

Por fim, gostaria de agradecer ao Vento, meu sobrinho. Mesmo ainda pequeno e em observação no hospital, teve força suficiente para trazer novos ares para a família.

A todos, muito obrigada.

RESUMO

O Egito faraônico desperta interesse em pessoas das mais variadas idades, contudo, a carência de estudos historiográficos nessa área facilita a criação de um imaginário que não corresponde ao cotidiano daquele povo. A religião densa e a existência tão distanciada dos dias de hoje dificultam nosso entendimento. Imaginamos um Egito imutável e de poder absoluto. Curiosamente, essas características nunca pertenceram àquele reino. Desde sua consolidação, o Egito passou por diversas mudanças e conflitos, tanto internos quanto externos. O século XIV AEC será nossa referência temporal, uma vez que é quando o faraó Amenhotep IV inicia uma série de mudanças materiais e não materiais no Egito. Com isso, altera-se não somente a religião, mas o estilo de vida dos egípcios. O choque cultural é inevitável e pode ser percebido em diferentes maneiras e localidades. A monografia visa, assim, desmistificar elementos trazidos com o senso comum, no nosso caso será a imagem da figura do faraó. Para tanto, buscaremos entender a influência das rainhas Tiye e Nefertiti nas decisões diplomáticas e culturais.

Palavras-chave: Egito Antigo; poder régio; rainhas do Período de Amarna.

ABSTRACT

The Pharaonic Egypt is admired by people of all ages; however, the lack of historiographical studies in this area facilitates the creation of an imaginary that does not match the one of those people. The dense religion and the existence so far distant from today makes our understanding difficult. We imagine an unchanging Egypt, with absolute power. Curiously, these characteristics never belonged to those kingdom. Since its consolidation, Egypt went through many changes and conflicts, internal and external. The 14th century BCE will be our temporal reference, once it's when Amenhotep IV begins a series of material and non-material changes in Egypt. This changes not only the religion, but the Egyptian lifestyle. The cultural shock is inevitable and can be noticed in different ways and places. Therefore, this monograph aims to demystify some elements brought by common sense: in this case, the pharaoh's image. To do this, we will seek to understand the influence of the queens, Tiye and Nefertiti, in the diplomatic and religious decisions.

Key-words: Ancient Egypt; royal power; queens from Amarna Period.

ÍNDICE DE IMAGENS

FIGURA 1	29
FIGURA 2	30
FIGURA 3	31
FIGURA 4	37
FIGURA 5	38
FIGURA 6	39
FIGURA 7	42
FIGURA 8	44
FIGURA 9	45
FIGURA 10	46
FIGURA 11	47
FIGURA 12	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. O REINO NOVO E A XVIII DINASTIA: BASES DO IMPÉRIO EGÍPCIO	9
PRECEDENTES DO IMPÉRIO: SEGUNDO PERÍODO INTERMEDIÁRIO E REINO NOVO	11
O IMPÉRIO: EGITO NA ÁSIA E KUSH.	15
AS BASES DE UM IMPÉRIO.	26
2. RAINHAS DE AMARNA: A FORÇA POR TRÁS DO FARAÓ	28
ATON DE PAI PARA FILHO	28
ARTE TRADICIONAL E ARTE AMARNIANA.....	33
O OFÍCIO DA MULHER	34
A RAINHA MÃE: TIYE.	35
GRANDE ESPOSA REAL: NEFERTITI	43
A FORÇA POR TRÁS DO FARAÓ	48
3. CONCLUSÕES: A INFLUÊNCIA DAS RAINHAS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
DOCUMENTAÇÃO:.....	53
REFERÊNCIAS IMAGÉTICAS:.....	53
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:	53
ANEXOS	57

INTRODUÇÃO

O dever do historiador é exercer o senso crítico sobre seu tempo e, mais do que isso, influenciar pessoas a desenvolverem o próprio senso crítico. No que diz respeito ao Egito faraônico, muito comumente criam-se imagens generalizadas. Pessoas, das mais variadas idades, se encantam com os monumentos grandiosos e as riquezas. Contudo, a carência de estudos historiográficos sobre o assunto causa noções idealizadas baseadas no senso comum.

Duas das coisas atualmente mais comentadas no cotidiano popular acerca do Egito faraônico são as pirâmides e Cleópatra. As generalizações disseminadas sobre o povo egípcio fazem com que homens e mulheres associem esses dois elementos, por exemplo, esquecendo que existem mais de dois mil anos entre eles.

Deste modo, o senso comum nos traz poucos aspectos do cotidiano e muitas especulações. O distanciamento no tempo pode criar uma série de noções errôneas ou exageradas sobre este povo, por isso, devemos ter em mente que as concepções que temos hoje são completamente diversas das que existiram naquele período. Somos levados a crer em um Egito isolado e comandado unicamente pelo faraó.

Por um lado, é notável o crescente mercado que se apropria do imaginário egípcio¹. Muitas são as séries, filmes e livros que utilizam do Egito Antigo para criar um atrativo². Por outro lado, os textos acadêmicos são de difícil acesso para o resto da sociedade, assim, a Academia se fecha nela mesma. A partir do momento em que o historiador escreve para apenas um núcleo, parte de seu ofício é drasticamente prejudicada. Afinal, como ajudar a sociedade a desenvolver o senso crítico se não damos ela o acesso às informações? Se a privarmos de nosso trabalho, não podemos cobrar deles a consciência política e social que queremos que a sociedade tenha.

Portanto, este trabalho nasce de questões populares. Dois anos de estágio no Museu Egípcio e Rosacruz de Curitiba possibilitaram um contato com o público não acadêmico, cheio de perguntas e questões pautadas no senso comum. A monografia, então, pretende trazer um tema interessante que desperte a vontade de questionar sobre quaisquer informações passadas a ele, isto é, desenvolver um senso crítico. Para tanto,

¹ Isso pode ser visto a partir de estudos da egiptomania, por exemplo.

² Como, por exemplo, a trilogia de “A múmia” (1999, 2001, 2008), “Cleópatra” (1963), “As múmias do faraó” (2010), “Deuses do Egito” (2016) e a série Penny Dreadful (2014).

buscamos desmistificar noções que circulam nas conversas cotidianas, tidas como verdade, como, no caso, o faraó como um poder supremo, que governa sozinho e a quem todos obedecem sem questionar.

O Período de Amarna serve bem a esse propósito, uma vez que o Império Egípcio havia se consolidado há pouco tempo. O Egito estava no auge de sua expansão territorial e zona de influência quando foi implantada uma mudança drástica na cultura, religião e política. O faraó então reinante, Akhenaton, ao banir os deuses tradicionais e instaurar o atonismo, criou um conflito interno em uma sociedade que vivia de uma determinada forma por causa da crença nos deuses. Não só não foram todos que aceitaram essa mudança, como após esse período o culto tradicional foi restaurado.

A insatisfação com as mudanças de Akhenaton não se dá somente dentro do Egito, mas também nos reinos vizinhos. As Cartas de Amarna nos mostram reis pedindo esclarecimentos ao faraó. Como não temos as cartas enviadas por Akhenaton, somente as recebidas, podemos supor, a partir da carta EA26, que Akhenaton negligenciava seus aliados. A carta em questão foi mandada pelo rei Tushratta, de Mitani, que reclama do presente enviado pelo faraó, pois ele era apenas revestido de ouro, enquanto Amenhotep III enviava presentes de ouro maciço. Contudo, o mais interessante dessa carta é que foi endereçada para a Rainha Tiye, mãe de Akhenaton.

A imagem que temos da figura do faraó o afasta das características humanas que certamente ele tinha. Ao ter contato com outras pessoas, o faraó não só influenciava, mas também era influenciado e suas escolhas tinham impacto na vida de outras pessoas, que reagiriam, bem ou mal, às mudanças. O faraó, então, não era um governante supremo que era obedecido incondicionalmente. Além disso, existiam outras pessoas influentes no governo, como Tiye, no exemplo que demos anteriormente.

A monografia, assim, visa trabalhar com a imagem do faraó no Período de Amarna. Anteriormente a esse contexto, o Segundo Período Intermediário causou um grande impacto no Egito. As dificuldades que a região enfrentava dividiram a região em dinastias coexistentes, entre as quais estava a dos hicsos. O governo hicsu possibilitou a apropriação de materiais que foram trazidos da Ásia e proporcionou um conhecimento mais relevante dos seus vizinhos.

É somente com a expulsão dos hicsos que o faraó retoma e se afirma no poder. As conquistas territoriais, que culminaram na formação do Império, fizeram com que o Egito recebesse tributos e aumentasse sua riqueza – uma característica que no pensamento atual parece ter percorrido toda a história do Egito.

Por mais que o faraó tivesse se consolidado dentro e fora do Egito na XVIII dinastia, devemos lembrar que ele estava cercado por pessoas. Na monografia optamos por mostrar a participação das rainhas Nefertiti e Tiye.

Nefertiti é uma das rainhas mais conhecidas nos dias de hoje, contudo, muito pouco se sabe sobre suas origens e sua morte. A rainha aparece em evidência muito frequentemente na arte amarniana, o que pode significar que ela possuía uma posição elevada. Tiye, por sua vez, já parece ter sido influente no governo de seu marido, Amenhotep III, mantendo o destaque durante o regime de Akhenaton.

Para analisarmos o papel que estas rainhas desempenharam durante o Período de Amarna, separamos este trabalho em três tópicos principais: a formação do Império Egípcio, a representação das rainhas e, por fim, a influência efetiva que tais rainhas exerceram.

O primeiro capítulo, “O Reino Novo e a XVIII dinastia: as bases do império” explorará a consolidação da XVIII dinastia enquanto império. Para tanto, dividimos o capítulo em precedentes do império e o império na Ásia e em Kush. O segundo capítulo, “Rainhas de Amarna: a força por trás do faraó”, nos apontará elementos do novo culto e da arte amarniana, os ofícios femininos, e especificidades das representações de Tiye e Nefertiti. Por fim, o último capítulo, nossa conclusão, agregará os elementos dos dois capítulos anteriores para que possamos compreender o modo como as rainhas mãe e esposa participaram do governo de Akhenaton, seja política ou religiosamente.

1. O REINO NOVO E A XVIII DINASTIA: BASES DO IMPÉRIO EGÍPCIO

O interesse brasileiro pelo Egito pode ser notado desde os tempos imperiais com D. Pedro I, que comprou uma coleção de objetos egípcios e greco-romanos, e seu filho, D. Pedro II, que trouxe artefatos das viagens que fez ao Egito. Esse conjunto de peças pode ser visto atualmente no Museu Nacional do Rio de Janeiro ³.

Entretanto, por muitos anos a admiração pelo Egito manteve-se discreta em nosso país. O historiador Ciro Flamarion Cardoso ⁴, inegavelmente, foi uma das pessoas que contribuiu para impulsionar novos estudos. Todavia, muitos são os motivos que dificultam as pesquisas no Brasil, seja a carência de especialistas que fomentem progressos na área ou a dificuldade de acesso à bibliografia atualizada e traduzida.

Além disso, notamos uma tendência entre os egiptólogos, especialmente historiadores e arqueólogos, não somente brasileiros, em estudar ritos, crenças e práticas funerárias ou religiosas, negligenciando outros temas de pesquisa. Pouco ouvimos, por exemplo, sobre a consolidação, os contatos e as relações internacionais antes de Cleópatra (51 - 30 AEC ⁵), ou ainda sobre inconstâncias na cultura interna. Assim, este trabalho visa romper com a noção de Egito homogêneo, expondo-o como um reino em constantes contatos, com um sistema de relações internacionais bastante eficaz e com um poder militar expansivo e defensor.

É evidente que o cotidiano no Egito faraônico muitas vezes foi guiado pela religião e isso deve sempre ser levado em consideração. Todavia, focar apenas nestes aspectos gera uma carência de estudos em outras áreas e reforça alguns quesitos do senso comum, isto é, criamos uma imagem do homem egípcio quase mitológico, sem uma personalidade humana. Deste modo, nos distanciamos, ainda mais, daquele povo,

³ SANTOS, M. E. *Recriando e Divulgando o Egito Antigo no Brasil*. O Lince, Aparecida, p. 10 - 11, 20 fev. 2010. Disponível em: <http://www.jornalolince.com.br/2010/fev/pages/arqueologia-recriando-egito.php> (acesso em: 17. Out. 2014)

⁴ Cardoso contribuiu com diversos estudos acerca do Egito Antigo, como: CARDOSO, C. F. S. *As comunidades aldeãs no antigo Egito*. Phoinix (UFRJ), v. 14, p. 96-129, 2008; CARDOSO, C. F. S. *As unidades domésticas no antigo Egito*. Cantareira (UFF), v. 3, p. 3-18, 2007; CARDOSO, C. F. S. *Algumas Visões da Mulher Na Literatura do Egito Faraônico (II Milênio A.C.)*. HISTÓRIA, São Paulo, v. 12, p. 103-113, 1993; CARDOSO, C. F. S. *Deuses, múmias e ziggurats: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: Editora Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999. 154p; CARDOSO, C. F. S. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982. v. 36. 144p; entre outros.

⁵ Dado o recuo no tempo, as datas podem variar de acordo com cada autor. Neste trabalho a periodização utilizada foi proposta por SHAW, Ian & NICHOLSON, Paul. *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*. London: British Museum Press, 1995.

não conferindo-lhes características que possam guiar suas ações, concordando ou não, com um padrão social mutável.

Desde o ensino fundamental, nós brasileiros somos levados a crer em um Egito isolado, imutável e impermeável, noção essa que devemos perder se quisermos compreender como aqueles homens e mulheres viveram. Por outro lado, devemos, também, “perder a ideia de encontrar nele, ao mesmo tempo, nossa cultura e nossas tendências: é preciso aceitar a expatriação e não se iludir com aparentes semelhanças”⁶.

Estrutura governativa, cultura e religião no Egito Antigo formavam uma unidade, ascendendo e decaindo em conjunto. Se simplificarmos, os períodos de ascensão e decadência do Egito dinástico serão separados pelos Reinos⁷ antigo, médio e novo, e por três períodos intermediários. Contudo, associar desta maneira pode ser equivocado. A separação em períodos não é algo objetivo e sim uma construção histórica e por isso carrega um caráter ideológico do contexto de criação desta subdivisão, o século XIX⁸.

Os reinos referem-se a um momento de força da monarquia faraônica em todo o território egípcio. Os períodos intermediários, como o nome supõe, são o oposto, momentos de fraqueza e desagregação política, em que forças locais assumem o poder em seus respectivos territórios. Cada governante defende seu espaço e promove tentativas de reunificação, até que algum deles consiga e tome para si o poder do Egito unificado. Com isso, entendemos que existiam dinastias⁹ coexistindo nesses momentos.

⁶ SAUNERON, Serge. *The priests of ancient Egypt*. New York: Grove Press, 1980, p. 6.

⁷ Em países, como Alemanha e França, predomina o uso do termo “Império” para dar essa periodização, enquanto em países como a Inglaterra e a Itália utiliza-se “Reino”. Entendemos hoje que reinos são espaços delimitados geograficamente, com fronteiras definidas, enquanto um império possui uma área de influência além de seus limites territoriais. Como todo império é um reino e nem todo reino é um império, neste trabalho usaremos o termo “reino”, uma vez que a política egípcia só toma a forma de um império durante o Reino Novo, como veremos nesse capítulo.

⁸ Em COELHO, Liliane C. & SANTOS, Moacir E. A Escrita da História do Egito Antigo. NEARCO, Rio de Janeiro, ano VII, nº 1, 2014, p. 262 afirma-se que a arqueologia do século XIX preocupava-se em encontrar monumentos que auxiliassem na datação cronológica. Na segunda metade do século XIX, Karl Richard Lepsius dividiu o período dinástico nos Reinos Antigo, Médio e Novo, intercalados pelos Períodos Intermediários, contudo, não considerava as dominações grega e romana.

⁹ No Egito faraônico o termo “dinastia” não significa uma família reinante, mas critérios que identificam determinados períodos. Por exemplo, uma dinastia pode se identificar pela capital em que está instalada ou os rituais religiosos que adotam. Um exemplo explicativo disso é o caso das III e IV dinastias. O primeiro rei da IV dinastia era filho do último rei da III dinastia, o que causa essa separação é o uso da pirâmide escalonada.

Precedentes do Império: Segundo Período Intermediário e Reino Novo

É ao fim do Segundo Período Intermediário (c. 1650 – 1550 AEC) que surge a XVIII dinastia e, com ela, o dito Reino Novo (c. 1550 – 1069). Sem dúvida este foi um período de grandes conquistas para o Egito faraônico, principalmente no processo de relações com os povos vizinhos. O contato já existia, mas talvez não tivesse alcançado tais proporções não fosse a contribuição do governo hicsu (c. 1650 – 1550), como será exposto a seguir.

Com o fim da XII dinastia (c.1985 – 1795), surgem, praticamente ao mesmo tempo, outras duas dinastias. A XIII dinastia (c.1795 – após 1650) possivelmente tinha algum laço de continuidade com a sua antecedente, mas não conseguiu exercer seu poder sobre o Egito inteiro, sendo a região do lado leste do delta do Nilo controlada pela XIV dinastia (c.1750 – 1650). A entrada de tribos semitas no Egito foi facilitada, uma vez que este passava por um momento de fraqueza ¹⁰. O governo hicsu foi, então, a XV dinastia, que aparece nos fins da XIII dinastia, e passa a controlar toda a extensão noroeste do Egito, provocando o surgimento de outras duas dinastias mais ao sul, na região de Tebas e Abidos.

Nesse momento, o Egito estava enfraquecido passando por um período de pobreza, porém esta não foi uma característica única na região. Aparentemente, alguns objetos vindos do leste do mediterrâneo e do Egeu foram importados para Tebas, ainda que de forma adaptada. Encontramos, por exemplo, na tumba da rainha Ahhotep I (c.1590 - 1530), mãe de Ahmose (c.1550 -1525), armas que ilustram motivos e ofícios asiáticos aplicados a objetos egípcios. Objetos propriamente egeus contemporâneos da dinastia egípcia são dificilmente documentados no Egito, embora ocorressem pequenos tratos com Creta ¹¹ e, em menor escala, com a Grécia, para negociar itens. Não é certo, porém, que existissem acordos diplomáticos diretamente entre Egito e Creta nesse período; é possível que Ahmose e Amenhotep I (c. 1525 – 1504), seu filho, tenham

¹⁰ Durante o Reino Antigo, egípcios exploravam minas de turquesa no sul do Sinai e estimulavam a entrada de tribos semitas em seu território. Contudo, após momentos de dificuldades, o final do Reino Antigo, mas especialmente o Primeiro Período Intermediário adotou-se uma política anti-asiáticos. Entretanto, já no início do Reino Médio, as relações entre Egito e Ásia voltariam a se fortalecer.

¹¹ Em ERMAN, Adolf. *A Handbook of Egyptian Religion*. Londres: Archibald Constable & Co. Ltd, 1907, p. 193 aponta-se a existência de um vaso cretense do século XX AEC no qual representa-se um festival em homenagem a um deus da colheita com a presença de um egípcio guiando a procissão dos cretenses.

apenas continuado a participar de negociações com os povos do leste, ao modo que os hicsos faziam ¹².

O Egito conheceu, então, novos materiais trazidos da Ásia Ocidental, sendo apresentado a: carro puxado por cavalos, armadura de escamas, proas de navios compósitas, uma série de armas, novos desenhos de adagas e espadas, novos métodos de tecelagem e fiação (como o tear vertical), novos instrumentos de música e alimentos como a azeitona e romã. Além disso, foi nessa época que desenvolveu a coroa de guerra, uma espécie de elmo provavelmente de cabedal cosido com discos de metal dourado. Os selos em forma de escaravelho, que haviam sido transformados em amuleto durante o Reino Médio (c. 2055 – 1650), foram adotados e produzidos em larga escala. O bronze passou a ser de uso mais recorrente, pois era mais fácil de trabalhar do que o cobre e mais eficiente para a confecção de armas e instrumentos ¹³. Tais materiais foram adaptados às terras inundadas das proximidades do Nilo e foram utilizados para combater os hicsos no Egito e na Palestina.

Frequentemente encontramos referências aos hicsos como invasores, contudo, tal noção é trazida por Manethon, que utilizou somente a narrativa oficial tebana para escrever seus registros, caracterizando-os como opressores. O egiptólogo Cyril Aldred, por outro lado, afirma que os hicsos são tribos semitas que negociavam seus produtos com o Egito ¹⁴. Deste modo, eram aceitos na sociedade e conseguiram conquistar altos cargos durante o Reino Médio. Não era incomum que estrangeiros conquistassem altos cargos, principalmente no Baixo Egito – um outro exemplo é a história bíblica de José, vendido como escravo, mas legitimado como alto funcionário. Além disso, o nome hicsos não se refere a um grupo específico, mas é uma palavra de origem grega, formada pelo egípcio *ḥꜥꜣw* - *ḥꜣswt* (estrangeiro), ou seja, os hicsos não pertenciam a uma etnia específica, eram apenas estrangeiros semitas que se instalaram no Egito.

Na lista dos reis no papiro de Turim ¹⁵, os nomes de alguns dos reis hicsos estão presentes, o que evidencia a validade do governo deles. Logo a capital foi substituída

¹² BRYAN, Betsy M. **The 18th dynasty before the Amarna Period (c. 1550- 1352 BC)** IN: SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2003, p. 208.

¹³ ALDRED, Cyril. *Os egípcios*. Editorial Verbo: Lisboa, 1966, p.129.

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ Encontra-se no Museu de Egípcio de Turim, sob o número de inventário “Cat. 1874 RCGE 17467” Disponível em: <http://collezioni.museoegizio.it/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=99492&viewType=detailView> (acesso em: 16 de julho de 2014).

por uma cidade que fortalecesse o poder do governo hicsos: Avaris. Uma vez estabelecida em Avaris, a capital só voltaria a mudar com a expulsão dos hicsos e o início do Reino Novo. É importante levar em consideração, entretanto, que três dinastias estavam coexistindo no Egito nesse momento. A XV dinastia possuía uma extensão maior de influência, tendo inclusive algum tipo de relação de poder sobre Tebas, mas não se sabe ao certo se os hicsos tinham domínio total ou se exerciam uma espécie de vassalagem na região. Tebas estava enfraquecida, tendo que lutar por seu poder tanto no norte, contra os hicsos, quanto no sul, contra o reino de Kush ¹⁶.

Por algum tempo os reis hicsos foram relativamente aceitos, entretanto, nos fins da XVII dinastia (c.1650 – 1550) o embate entre hicsos e tebanos tornou-se mais ativo. O príncipe tebano Sequenenre (c. 1560) inicia uma batalha diplomática com o então faraó ¹⁷ hicsos Apófis (c. 1555). Não se sabe ao certo quem venceu a disputa, mas, apesar de indícios apontarem que o tebano o tenha feito, muito ainda deveria acontecer para que Tebas conquistasse o poder. Com a morte de Sequenenre, seu filho mais velho, Kamose (c. 1555 – 1550), inicia a guerra da libertação, narrada em duas estelas, encontradas entre os blocos de alicerces de Tebas. As narrativas mostram o caminho percorrido por Kamose, no qual capturou uma armada com o tesouro hicsos e interceptou um mensageiro de Apófis que levava uma carta para o Kush, buscando uma aliança que tomasse o Egito ¹⁸.

A morte prematura de Kamose fez com que seu irmão, Ahmose, continuasse as campanhas até destruir Avaris, após um longo cerco. Todavia, a tomada da capital não era o suficiente para acabar com o poder hicsos, por isso foram enviadas expedições a Palestina, onde existia uma base hicsa, e perseguiram-se os colaboradores de dentro e fora do Egito. Além disso, foram enviadas expedições para uma irrupção dos assuntos da Palestina e da Síria, continuada pelos faraós sucessores.

¹⁶ O reino de Kush corresponde a Kerma, que abrangeu boa parte da Núbia. Durante o Reino Médio e, em especial, o Segundo Período Intermediário, Kush foi uma grande potência militar.

¹⁷ Faraó é um termo grego que surge como derivação do egípcio *per-aa* (casa grande) em relação ao sistema de organização do poder no Egito Antigo. De acordo com ALDRED, Cyril. *Op. Cit.*, 1966, pp. 102-103, o rei atuava a princípio com o domínio total do Egito e suas possessões e na IV dinastia o sistema se mantinha, com o palácio real e os edifícios oficiais anexos na forma de uma “Casa Grande” onde o governo do país era dirigido por ministros escolhidos, nos quais a autoridade real fora delegada. Contudo, na VI dinastia esse sistema centralização política começou a decair devido ao aumento do poder de famílias locais. *Per-aa*, todavia, se tornou a referência para que os gregos se referirem ao rei, como faraó. Na língua egípcia o governante era chamado de *nesu* (rei), *neb* (senhor) ou *hem* (majestade). Neste trabalho usaremos os termos “faraó” e “rei” por fins didáticos.

¹⁸ ALDRED, Cyril. *Op.Cit*, 1966, pp. 132-134.

Com a expulsão dos hicsos, uma nova dinastia se instala no Egito e com ela o Reino Novo. Contudo, os conflitos gerados pelo momento causaram mudanças nas estruturas administrativas e organizacionais do Egito. O contato com o exterior evidenciou um contexto agressivo, de guerras e conquistas, fazendo com que o faraó criasse e mantivesse um exército profissional, coisa nunca antes vista nesta região nilótica, acostumada a recrutar camponeses destreinados e inexperientes para um confronto, quando era necessário ¹⁹.

O próprio faraó, que até então parecia estar no topo absoluto da hierarquia ²⁰, agora começava a dividir seu poder com sacerdotes e vizires ²¹. A figura do faraó sofreu “diminuições quando o grande abismo que separava o rei divino da espécie humana foi preenchido pelo casamento do faraó com mulheres de sangue não real” ²², uma prática frequente na XVIII dinastia (c.1550 – 1295). Os filhos destes casamentos precisavam recuperar o caráter divino para que o futuro rei pudesse agir como governante, mas sem os atributos reais sobravam três opções para legitimá-lo: teogamia (na qual conta-se que um deus pessoalmente engravidou a mãe deste príncipe – como acontece, por exemplo, com a Rainha-Faraó Hatshepsut); um oráculo anuncia o candidato ao trono; ou o governante receberia apoio do clero, especialmente o de Amon – que desde o Reino Médio vinha ganhando força e gerando influência ²³. Independentemente da escolha, os sacerdotes teriam algum envolvimento. O clero de Amon-Rá ganha muito poder durante a XVIII dinastia, não somente por esse motivo, mas como uma continuidade da influência que os sacerdotes já estavam conquistando desde o Reino Médio. Por outro lado, a XVIII dinastia não viu crescer somente o poder

¹⁹ SHAW, Ian & NICHOLSON, Paul. *Op. Cit.*, pp. 37-38.

²⁰ Na VI dinastia os governos provinciais e alguns outros cargos passaram a ser aceitos como funções hereditárias. A partir do momento em que os governantes das províncias estavam seguros de sua posição pela linhagem, estes passaram a se fortalecer cada vez mais, tornando-se quase independentes. Contudo, o primeiro período intermediário vem como consequência dessas mudanças, por isso, o Reino Médio empenhou-se para reafirmar as noções do Reino Antigo, mostrando o faraó como soberano absoluto.

²¹ Vizir é um título usado em alguns países muçulmanos para designar autoridades como ministros de Estado. A palavra vizir vem da palavra árabe *wazir*, que quer dizer aquele que ajuda alguém a carregar um fardo. Apesar de não ser um termo egípcio, muitos autores utilizam-se da palavra para designar aquele que, de acordo com GRAVES-BROWN, Carolyn. *Dancing for Hathor. Women in Ancient Egypt*. London: Continuum, 2010, é considerado o segundo homem mais importante do reino. Cabia ao vizir auxiliar na administração do Egito, sendo o responsável por nomear e supervisionar os nomarcas.

²² ALDRED, Cyril. *Op. Cit.*, 1966, p. 103.

²³ SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Nefertiti: sacerdotisa, deusa e faraó*. São Paulo: Madras, 2012, p. 24.

do clero, mas “é o momento, também, do apogeu da teocracia faraônica, de monarcas divinos e poderosas divindades dinásticas que comandavam a sociedade egípcia”²⁴.

O Império: Egito na Ásia e Kush.

A vocação imperial do Egito surge como consequência da dominação hicsa. Com a instalação da XVIII dinastia, os faraós tornam-se conquistadores e mais ligados às políticas externas. As expedições lançaram o Egito na Ásia, a princípio aumentando o número de aliados e vassalos. Investidas foram feitas de várias formas, um bom exemplo são as expedições de Tothmés III, que aumentara a zona de influência egípcia cerca de 600 km ao sul e ao norte²⁵. Com tais conquistas veio o pagamento de tributos, gerando a riqueza que caracterizou esta dinastia, em especial as cortes cosmopolitas de Tothmés IV (c.1400 - 1390) e Amenhotep III (c. 1390 - 1352).

A natureza do governo do início da XVIII dinastia era de continuação de formas e tradições egípcias que haviam sido completamente desfiguradas pelas lutas internas do Segundo Período Intermediário. É possível que tenha sido essa crença de Ahmose e seus predecessores que, em parte, ajudou a consolidar um poder de base com outras famílias importantes do Alto Egito. Contudo, para que Ahmose e seus sucessores assegurassem a linhagem familiar na dinastia, modificaram-se aspectos do reino que, juntamente com as pressões externas ao noroeste e ao sul, afetaram profundamente a XVIII dinastia²⁶.

As batalhas promovidas por Ahmose foram necessárias, não somente para destruir o poder hicsa, mas para fortalecer o Egito contra ataques e consolidar o poder do faraó dentro de seu próprio território²⁷, criando base para um poder militar centralizado, possibilitando o imperialismo egípcio de seus sucessores e conduzindo o Egito ao cosmopolitismo.

²⁴ GRALHA, Julio. *Deuses, estrangeiros e a construção da identidade do faraó*. Site NetHistória. Brasília, nov. 2004. Sessão Ensaios. Disponível em: http://www.nethistoria.com.br/secao/ensaios/479/deuses_estrangeiros_e_a_construcao_da_identidade_do_farao/capitulo/1/ (Acesso em: 16 de julho de 2014).

²⁵ ALDRED, Cyril, *Op. Cit.*, 1966, p. 136 e DODSON, Aidan. *Amarna Sunset: Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb, and the Egyptian Counter-Reformation*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009, p. 1.

²⁶ BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.* p. 207

²⁷ NEWBY, Percy Howard. *Warrior Pharaohs*. London: Faber and Faber LTD, 1980, p.30. *apud* SOUZA, *op. cit.* p. 26.

Além das conquistas militares, Ahmose foi um grande construtor. Construiu monumentos em Avaris, que ainda seria um grande centro comercial, em Mênfis e, em especial, em Tebas. Os templos construídos constituem-se na forma tradicional de culto a deuses como Ptah, Amon, Montu e Osíris, uma vez que eram esses os deuses mais influentes durante o Reino Médio.

Graças às suas contribuições ao culto de Amon, o desejo de Ahmose de ser reconhecido como devoto dedicado de Amon poderia ser conhecido não apenas entre aqueles cujo ofício religioso ou status de elite garantia acesso para a casa do deus, mas, também, entre os habitantes de classes mais baixas, que só poderiam visitar o pátio do templo nas épocas de festivais ²⁸.

Algumas estelas de calcário que documentam episódios conectados ao templo de Karnak são do período de Ahmose, possivelmente, todas dos últimos sete anos de seu reinado. Em duas delas o rei se apresenta como protetor do templo. A primeira é a “Estela da Tempestade”, em que Ahmose afirma ter reconstruído tumbas e pirâmides da região de Tebas após serem destruídas por uma tempestade. A segunda, “Estela da Doação”, documenta a compra do título de sacerdote de Amon por Ahmose para sua esposa, Ahmose-Nefertari (c. 1570 – 1505). Essa compra assegurava a conexão entre o deus e a família real. Além disso, o custo do cargo era pago ao templo pelo rei, fazendo-o, assim, benfeitor do templo. Em uma terceira estela, datada do ano 18 de reinado de Ahmose, é possível notar uma exaltação do poder universal da família real. Nela mostram-se doações feitas pelo rei ao templo, como vasos de ouro e prata para libação, copos de ouro e prata para a estátua do deus, mesas feitas de ouro para as oferendas, colares e faixas para as estátuas divinas, instrumentos musicais e um barco de madeira. Tais doações sugerem que o templo estava sem objetos feitos de metais preciosos, uma vez que, em sua maioria, são materiais utilizados para cultos. Nos dias de hoje não é possível afirmar que estes bens do templo tenham se perdido devido a uma tempestade, como a “Estela da Tempestade” afirma, mas é muito provável que objetos de templos e tumbas reais tenham servido como uma fonte de recursos financeiros durante a árdua XVII dinastia ²⁹.

²⁸ BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, pp. 209 - 210

²⁹ *Idem, ibidem.*

Sucedendo seu pai, Ahmose, Amenhotep I provavelmente ainda era bastante jovem quando ascendeu ao trono, uma vez que seu irmão mais velho havia sido indicado ao governo apenas cerca de cinco anos antes. É bastante provável, também, que tenha existido um breve período de corregência entre Ahmose e seu filho, a fim de garantir uma transição pacífica do governo na dinastia que havia se estabelecido recentemente³⁰. Amenhotep I, em geral, continuou as mudanças políticas propostas no governo de seu pai. O regime de Amenhotep I foi deliberadamente expansionista, tornando, pela primeira vez, o Egito uma força militar, com um exército de soldados profissionais³¹. O faraó viu nascer uma das principais rivalidades do Egito na Ásia, o reino de Mitani³², e conheceu um poderoso aliado: a Babilônia. Os objetivos babilônicos eram os mesmo que os egípcios e consistiam em conter a expansão de mitânios, assírios e dos hititas.

As conquistas militares ao sul e os ganhos financeiros da região da Núbia, conquistados por Amenhotep I, melhoraram a economia egípcia, levando os monumentos construídos a ter um impacto significativo como símbolo do poder régio³³.

Amenhotep I construiu em muitos lugares em que seu pai esteve ativo, como na Núbia, como monumentos na Ilha de Sai, e em Abidos, onde construiu uma capela em homenagem a Ahmose. Dedicou-se, também, a Karnak, que se tornou o centro de culto de seu governo, o que inclui o festival de jubileu do rei. Em frente a Karnak, do lado oposto do Nilo, Amenhotep I construiu monumentos funerários em Deir el-Bahri e, ao norte e leste, ao longo das margens de cultivo³⁴.

Através de tumbas de Deir el-Bahri conhecemos muitas princesas, dentre as quais algumas se tornaram esposas reais, filhas de reis do final da XVII ou início da XVIII dinastia e seus nomes são conhecidos em tumbas privadas que veneram a família real no fim do Reino Novo. Essas mulheres possuem títulos que, aliados à ausência de um marido que não fosse o rei, mostram as limitações das filhas de reis. Tal limitação garante, em parte, o sucesso da linha dinástica do início da XVIII dinastia, uma vez que restringe o acesso para a família real. Em termos econômicos, isso significa que o rei

³⁰ *Idem*, pp. 212 - 213

³¹ SHAW, Ian & NICHOLSON, Paul. *Op. Cit.*, pp. 37-38.

³² Mitani é a designação política do povo hurrita, localizado entre os rios Tigre e Eufrates e estende-se a zona sírio-palestina. Teve seu auge no século XV AEC, justamente no período de expansão egípcia.

³³ BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, p. 213

³⁴ *Idem*, pp. 214-215

não precisaria dividir os ganhos de guerra com as famílias dos maridos das princesas e, portanto, estava livre para enriquecer os seus seguidores militares e construir novas circunscrições. Enquanto nas questões políticas e religiosas o núcleo fechado da família real está ligado ao Reino Médio (e, antes disso, ao Reino Antigo), o casamento entre reis e suas filhas ou a associação destas no governo dos pais era comum. Acredita-se que, para manter a linhagem, a família de Seqenenra e Ahhotep estabeleceu a proibição de casamento das filhas reais com não reis, o que, por sua vez, não acontecia nos reinos Antigo e Médio. Uma vez estabelecida a proibição, as princesas só voltariam a casar com homens que não fossem reis durante o governo de Ramsés II (c. 1279 – 1213)³⁵. Por outro lado, isso não significa que os reis não poderiam se casar com mulheres de sangue não real, o que resultou em muitas vezes os reis serem filhos de esposas secundárias.

Os últimos doze anos de reinado de Amenhotep I foram pacíficos, o que ajudou a reviver as práticas tradicionais, reabrindo as minas de turquesa no Sinai (e conseqüentemente expandindo o templo de Hathor construído no Reino Médio nas minas de Serabot el-Khadim), as pedreiras de alabastro em Bosra (em nome de Ahmose-Nefertari) e em Hatnub, e as pedreiras de calcário de Gebel el-Silsila, proporcionando grande parte das pedras necessárias para a reconstrução de Karnak.³⁶

Ao fim do reinado de Amenhotep I, as principais características da XVIII dinastia já estavam estabelecidas: a clara devoção ao culto de Amon em Karnak, as conquistas na Núbia (visando a expansão territorial e a apropriação de bens), um núcleo fechado da família real (que evitou reivindicações políticas e econômicas ao governo) e o desenvolvimento de uma organização administrativa (presumidamente, traçada por famílias poderosas e relações colaterais), associada, nesse momento, com as regiões de Elkab, Edfu e Tebas.³⁷

Quando morreu, Amenhotep I e sua mãe, Ahmose-Nefertari, foram deificados na região de Tebas, especialmente em Deir el-Medina³⁸, onde se tornaram divindades protetoras durante o Reino Novo. A apoteose e a relevância dos dois durante esse

³⁵ *Idem*, pp. 216-217

³⁶ *Idem*, p. 214

³⁷ *Idem, ibidem*

³⁸ Deir el-Medina situa-se a oeste de Tebas e ao sul do monte Sheik Abd el-Qurma. Foi construída no início da XVIII dinastia para abrigar aqueles que iriam construir as tumbas reais.

período é visível na medida em que percebemos que muitas construções da época de Ramsés contêm cenas homenageando Amenhotep I e sua mãe.

Amenhotep I deixou o trono para Tothmés I (c. 1504 – 1492), o primeiro faraó da dinastia a ascender ao trono sem ser por descendência. Ele era um militar que não vinha de linhagem real. O pai de Tothmés I é desconhecido, mas sabemos que sua mãe chamava-se Seniseneb (um nome comum no Segundo Período Intermediário e no início da XVIII dinastia). As origens de Seniseneb também não são conhecidas, mas o fato dela possuir apenas o título de “mãe do rei” sugere que ela não tinha ligações com a família real. A esposa de Tothmés, Ahmose, possuía os títulos de “irmã do rei, grande esposa real”. Claude Vandersleyen³⁹ assume que Ahmose era irmã de Tothmés, já que lhe faltava o título de “filha do rei”, seu nome, entretanto, pode sugerir que Ahmose era membro da família de Amenhotep I, talvez através de Ahmose-ankh⁴⁰, o que seria uma importante conexão com a família real e facilitaria a ascensão de Tothmés I ao trono. Transferir o governo para um militar pode ser uma das causas que mantiveram a política expansionista tão presente na XVIII dinastia.

Tothmés I interessou-se militar e economicamente pela exploração da Núbia, talvez por influência de seu predecessor. Promoveu campanhas ao sul, chegando até a terceira catarata do Nilo e destruindo o poder de Kush. Realizou, também, uma expedição a Síria, abrindo novos horizontes que encaminharam o Egito a tornar-se influente nas negociações e diplomacia com a Ásia Próxima⁴¹.

Tothmés I dedicou-se, também, a construção de monumentos, do Alto Egito até a Baixa Núbia, mas, diferentemente de seus antecessores não fez monumentos que homenageassem a família de Ahmose, da qual ele não fazia parte. Ao invés disso, decidiu associar seu reinado diretamente aos deuses. Durante a XVIII dinastia a descendência divina, como ideologia real, era comum aos faraós e Tothmés I pode ter sido o primeiro a enfatizá-la.

Em Karnak, Tothmés I alargou e completou um ambulatório trabalhado por Amenhotep I sobre a corte do Reino Médio, estendeu as paredes para acrescentar dois

³⁹ VANDERSLEYEN, Claude. *L'Égypte et la vallée du Nil, ii: De la fin de l'ancien empire à la fin du nouvel empire*. Paris, 1995 *apud* BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, p. 221.

⁴⁰ Ahmose-ankh era o irmão mais velho de Amenhotep I que deveria assumir ao trono, mas morre antes que possa fazê-lo.

⁴¹ BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, p. 221

pilones (o quarto e o quinto), modificou a entrada do templo, e terminou as decorações na capela de alabastro de Amenhotep I ⁴².

Após sua morte, sua filha, Hatshepsut, (c. 1473 – 1458) casa-se com um meio-irmão e primo, Tothmés II (c. 1492 – 1479), filho de uma esposa secundária de Tothmés I e irmã da esposa principal. Legitimado pelo casamento com uma princesa real, Tothmés II governa por treze anos, mas deixou poucos registros de atividades externas. Sabemos, porém, que o exército egípcio continuou a reprimir revoltas na Núbia, dando fim ao legado de Kush em Kerma ⁴³. Esta geração de guerras promoveu ao Egito pilhagens e tributos, que contribuiram para o desenvolvimento da região.

A única expedição militar conhecida é apresentada em uma estela do primeiro ano de reinado de Tothmés I, em Sehel, sul de Aswan. A estela descreve uma revolta em Kush, que foi contida com um ataque rápido e brutal, com punições de morte, com exceção de um príncipe kushita, que foi levado como refém ao Egito, resultando na restauração da paz ⁴⁴.

Tothmés II não construiu muitos monumentos durante seu governo, nem mesmo uma tumba identificável e um templo funerário completo. As únicas construções em grande escala conhecidas, realizadas por Tothmés II, são em Karnak. Em frente ao quarto pilone foi feito um portal de entrada em forma de pilone. O portal e outra estrutura ainda não conhecida foram desmanchados e suas pedras usadas nas fundações do terceiro pilone ⁴⁵.

Quando Tothmés II morre seu filho ilegítimo, Tothmés III (c.1479 – 1425), deveria se casar com sua meia-irmã, Neferure, para legitimar-se. Contudo, sua pouca idade fez com que Hatshepsut assumisse a corregência. Nesse período, Tothmés III teve pouca influência no governo.

Acredita-se que Hatshepsut se via como herdeira de Tothmés I, antes mesmo de seu pai morrer. Isso significa que o governo de Tothmés II talvez tenha se aplicado ao regime dessa rainha, bem como o do filho de seu marido.

⁴² *Idem*, p. 222.

⁴³ *Idem*, p. 226.

⁴⁴ *Idem*, p. 227.

⁴⁵ *Idem*, p. 226.

É possível que Hatshepsut tenha se aproveitado da situação, com sua participação econômica e a conexão com a família de Ahmose-Nefertari ⁴⁶, que o título de “Esposa do Deus Amon” lhe dava, para manter sua regência similar a de algumas antecessoras, como Ahhotep e a própria Ahmose-Nefertari ⁴⁷, e para aliar-se aos sacerdotes de Amon para assumir o governo na função de faraó. Uma vez criado seu nome de trono, Maatkara, e começado a tornar-se publicamente um rei, Hatshepsut só teve um exemplo a seguir: Sobekkara Sobekneferu (c. 1799 - 1795), uma mulher que governou o Egito nos fins da XII Dinastia.

Para se legitimar, a Rainha-Faraó enfatizava sua linhagem sanguínea, usando os títulos de “filha do rei”, “irmã do rei”, “esposa do deus Amon” e “grande esposa real” ⁴⁸. Além disso, cenas e textos de Deir el-Bahri afirmam que Tothmés I havia deixado Hatshepsut como herdeira antes de morrer. A rainha, ainda, vestia trajes masculinos e propagou uma lenda de seu nascimento, afirmando que Ahmose teria sido escolhida por Amon para gerar um novo governante divino. Segundo a história, Amon teria se transformado em Tothmés I por uma noite e possuído o corpo da Rainha Principal. Tal encontro gerou uma filha: Hatshepsut ⁴⁹. Com a teogamia, a rainha tornava-se a filha legítima do deus e seu caráter divino justifica a tomada do poder.

Hatshepsut não governou como seus antecessores, mas destacou-se pelas construções monumentais que se ergueram em seu reinado. Apesar da regência de Hatshepsut ter sido pacífica, a total administração do sul com um vice-rei e superintendente não foi interrompida, havendo algumas expedições para conter revoltas locais na Núbia.

Como governante Hatshepsut inaugurou monumentos superiores aos seus antecessores. Ela contribuiu para construções em Kom Ombo, Hierakopolis, Elkab, Armant, Elefantina, Qasr Ibrim, Sai, Semna, Faras, Quban e Buhen, por exemplo. Contudo, nenhuma região recebeu mais atenção que Tebas, onde o templo de Amon, em Karnak, cresceu ainda mais.

⁴⁶ A ligação familiar pode ter acontecido por meio de Ahmose, sua mãe.

⁴⁷ BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, p.228.

⁴⁸ *Idem*, pp. 228-229

⁴⁹ HUSAIN, Shahrukh. **A Concepção de Hatshepsut**. IN: HUSAIN, Shahrukh. *O Livro de Ouro da Mitologia Erótica*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp. 196 – 207.

Hatshepsut doava todas as riquezas ao clero de Amon, fortalecendo estes sacerdotes. Uma vez que alcançou o *status* de faraó graças a esse grupo religioso, Hatshepsut deveria mantê-los satisfeitos, concedendo-lhes privilégios e riquezas por agradecimento.

Com a região em paz, Hatshepsut pode explorar os recursos naturais do Egito e da Núbia. O ouro vinha abundantemente dos desertos do leste e do sul. As minas de pedras preciosas estavam em operação, iniciou-se uma busca por arenito em Gebel el-Silsila, o cedro era trazido do oriente e de outras regiões da África (provavelmente Punt), trazia-se o ébano ⁵⁰.

Embora o governo de Hatshepsut não tenha um caráter expansionista, a rainha promoveu viagens ao Reino de Punt, onde conseguiu materiais importantes, que lá havia em excesso, e o conhecimento sobre a fauna daquela região. A expansão comercial em Punt foi promovida no Egito, segundo Bryan, como uma grande estratégia diplomática, que simulava interesse em materiais exóticos e de luxo. Apesar de não sabermos como a missão de Punt influenciou nos tratados ao sul do controle egípcio, é somente a partir desse período que tumbas privadas representam núbios trazendo tributos com materiais exóticos, como presas de marfim, peles de pantera e elefantes vivos, além, é claro, do ouro.

Algumas pinturas minoicas em Avaris sugerem que possivelmente houve, também, uma conexão do Egito com o Egeu, contudo, por mais que Avaris tenha continuado a ser ocupada até o governo de Amenhotep II, não há indícios conclusivos de um contato com Creta antes desse período. Os tratados podem ter ocorrido de forma indireta através do Chipre e do Levante ⁵¹. Ainda de acordo com Bryan, os egípcios podem ter forjado uma conexão com a Creta minoica ou a Grécia micênica.

Com a morte da Rainha-Faraó no seu décimo segundo ano de reinado, Tothmés III finalmente pode ascender ao trono. Seu governo ficou conhecido por seu caráter expansionista, marcado por 17 expedições, responsáveis por conquistas territoriais na Ásia ⁵² e em Kush. Tais campanhas militares, além de consolidar o Império Egípcio,

⁵⁰ BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, p.230.

⁵¹ *Idem*, p. 234.

⁵² COHEN, Raymond & WESTBROOK, Raymond (org). *Amarna Diplomacy: the beginnings of international relations*. Baltimore, The John Hopkins University Press, 2000, p. 6.

possibilitaram a derrota de Mitani, que a partir de então não seria mais um inimigo do poder egípcio e, mais tarde, se tornaria um forte aliado ⁵³.

Entretanto, seu governo inicia-se de forma a estabilizar uma reputação para si e para o Egito. Tothmés III havia se assentado como rei maduro e legítimo, mas ainda precisava se provar como governante. Com o auxílio de um conselho de militares, Tothmés III identificou o potencial de glória e riqueza ao nordeste, mas muitas conquistas na Núbia foram estabelecidas por Hatshepsut e não podem, então, ser atribuídas a ele. Cabe a Tothmés III, entretanto, o ganho de Levante como território de controle egípcio sobre rotas comerciais. Após as campanhas na Ásia, Tothmés III estabeleceu o controle sobre a Palestina e criou rotas para a Síria. Assim, sua própria reputação foi assegurada dentro e fora do Egito.

Nos 35 anos em que governou sozinho, Tothmés III fez seu nome proeminente na Síria e na Núbia. Esteve ativo em Gebel Barkal, Sai, Pnubs, Semna, Armant, Tebas, etc. Contudo, Karnak foi, sem dúvida, o local em que mais construiu: substituiu a capela de culto a Amenhotep I, de calcário, por outra de arenito, redecorou toda a área central com cenas de suas campanhas na Ásia, fez o sexto e o sétimo pilones e construiu o templo de Ptah ao norte, por exemplo. Os monumentos de Tothmés III constantemente veneravam seu governo.

O clero de Amon ⁵⁴, assim, não deixou de se fortalecer nesse período. Tothmés III marchava sob a bandeira do deus e doava os espólios de guerra a seus templos, agradecendo pela vitória. Estes registros de Tothmés III aumentavam a influência desta divindade e glorificavam o rei.

Quase que imediatamente ao fim do governo de Hatshepsut, Tothmés III inicia uma expedição em direção ao Levante, onde tentou tomar o controle de muitas regiões que respondiam a um senhor de Mitani. Aparentemente, Tothmés III foi para Gaza,

⁵³ Em COHEN & WESTBROOK, *Op. Cit.* afirma-se que com o aumento de área de influência e a vitória sobre os cananeus, o Egito havia se inserido na “irmandade” ou “Clube dos Grandes Poderes”, como eram chamados os povos independentes de maior influência na Ásia Próxima, os quais incluíam Mitani, Hatti, Babilônia e Assíria. Nas cartas trocadas por eles os reis tratavam-se como “irmão”, o que evidencia uma relação de igualdade e não domínio ou supremacia.

⁵⁴ Durante o governo de Tothmés III, o clero de Amon teve, pelo menos, três sumo-sacerdotes. O primeiro foi Menkheperraseneb, seguido por seu sobrinho, de mesmo nome, e, por fim, Amenenhat, provavelmente o último do governo de Tothmés III, sendo ativo, também, no governo de Amenhotep II. Além de serem responsáveis por Karnak, é possível que os sumo-sacerdotes de Amon agissem no oeste, em nome do deus.

através da fortaleza da fronteira de Tjaru, a fim de conter disputas na região de Sharuhén. Segundo Bryan, Gaza estava sobre domínio egípcio desde os tempos de Ahmose e, presume-se, que a lealdade de Sharuhén seja do mesmo período⁵⁵.

Nas paredes de santuários de Amon, em Karnak, encontram-se cenas e textos sobre as campanhas do faraó. Segundo as quais, a primeira expedição foi em direção a Megiddo, através de Yehen. A cidade era protegida por grupos de chefes representantes do Levante e Nahrin (área de domínio do reino de Mitani na Síria), além de Megiddo. As inscrições apontam que esses chefes deveriam ser leais ao Egito, mas que o acesso ao cedro libanês e a fontes de cobre e estanho, entre outros produtos, pode ter sido prejudicado pelo controle de Mitani no norte da Palestina e na região costeira. Para organizar e se estabelecer, Tothmés III precisou promover outras três campanhas no local antes de lançar-se mais ao oriente, recolhendo tributos da região durante esse período. No vigésimo nono ano de reinado⁵⁶, Tothmés III invade Djahy, toma a orla marítima de Ulaza e vai até a Síria pelo mar, chegando a Qadesh. Depois torna à costa para conter revoltosos. Após essa vitória, o rei leva ao Egito filhos de chefes, como reféns que serão educados à maneira egípcia e devolvidos aos seus territórios para suceder o governo de seus pais.

Uma vez em campo, Tothmés III conheceu os verdadeiros espólios de guerra. A grande quantidade destes fez com que o rei continuasse suas campanhas ininterruptamente no norte da Palestina, no Líbano e em partes de Síria até o ano 42 de seu reinado. Com a batalha de Megiddo, conquistou-se 894 carros de guerra, incluindo dois cobertos de ouro, 200 armaduras, com duas de bronze dos chefes de Megiddo e Qadesh, 2.000 cavalos e 25.000 animais de outras espécies. Tothmés, então, substituiu os chefes derrotados e seguiu em direção ao rio Litani, no Líbano. As campanhas entre os anos 24 e 32 de seu reinado detalham o interesse no litoral libanês, com florestas e portos, e em áreas da Síria. Nesses lugares buscava metais preciosos, madeira, óleos, alimentos e safras de cereais. A soma dos butins feitos na Síria, durante as campanhas, foi impressionante, tanto para o governante como para seus soldados. Tudo era

⁵⁵ BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, p. 237.

⁵⁶ É importante lembrar que a contagem dos anos de reinado de Tothmés III inicia-se ainda com Hatshepsut, uma vez que ela governou, ao menos inicialmente, como corregente deste faraó. Deste modo, quando empreende esta campanha, faziam apenas sete anos que o faraó governava sozinho.

meticulosamente listado. Na expedição a Nahirn, por exemplo, listou-se o que foi capturado pelo rei e os saques do exército ⁵⁷.

Não encontramos Nahrin em inscrições egípcias antes do ano 33 de reinado de Tothmés III. Bryan assume que se isso acontece devido ao grande poder do reino de Mitani, a conquista egípcia dos vassalos mitânios é muito significativa. O fato é que por volta do ano 33, a antes não mencionada região de Nahrin, aparece em textos do templo de Amon, em Gebel Barkal (na quarta catarata do rio Nilo) e em Armant, além de estar presente em algumas listas nominativas. Nessas inscrições Tothmés III aparecem em barcos fluviais, atravessando o Eufrates e partindo para um confronto com Nahrin, derrotando-o. A derrota de Nahrin significou ao Egito uma nova fonte de recursos, mas, aparentemente, ainda não recebia tributos anuais e nem havia vencido Mitani.

Os embates entre Egito e Mitani eram provavelmente breves, entretanto, o prestígio e os ganhos egípcios na Síria cresciam. Juntamente com os objetos, vieram as divindades asiáticas. No reinado de Amenhotep II os deuses Reshef e Astarte ganharam espaço nos cultos egípcios. Além disso, esse contato refletia-se nos objetos cotidianos, como, por exemplo, os vasos de vidro que passaram a ser produzidos com um material de base por influencia mitânia.

Após a derrota de Mitani, o Orontes passou a ser o limite mais setentrional sobre o controle egípcio. O Egito receberia, então, tributos não só das regiões de Canaã, mas também dos locais que ficaram sob sua dominação após a travessia do Eufrates ⁵⁸. Nos dois anos seguintes, Tothmés III sufocou uma nova revolta em Djahy e Nuges, e outra em Mitani. Quase dez anos mais tarde os principados fenícios voltaram a se unir aos mitânios, obrigando Tothmés III a retornar a Djahy e em seguida ir até Qadesh, onde conquistaria três cidades e liquidaria, por fim, os mitânios.

No início do reinado de Amenhotep II (c. 1427 – 1400), cenas representam os mitânios não mais como cativos ou com butins, mas como estrangeiros oferecendo objetos ao faraó ⁵⁹. Isso sugere que Mitani deixara de ser o “arque-inimigo” egípcio e Nahrin tornara-se aliado do povo nilótico.

⁵⁷ BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, pp. 238-239

⁵⁸ GRIMAL, Nicolas. *História do Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p.222.

⁵⁹ BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, p. 245.

Além de ser um grande guerreiro, Tothmés III continuou com as construções iniciadas por Tothmés I.

Foram construídos templos na Núbia, Gebel Barkal, Kol Ombo, Esna, Dendera, Heliópolis, entre outros. Tothmés III foi muito ativo, também em Medinet Habu, onde construiu um templo memorial ao seu pai ⁶⁰, ao norte do templo de Amon. A atividade de construtor desenvolveu-se principalmente ao final do reinado, quando mandou apagar o nome e a imagem de Hatshepsut das edificações, condenando-a a um fim pior do que a morte: o esquecimento. Quando se escreve o nome em um monumento o indivíduo egípcio busca a eternidade, tendo a escrita um caráter mágico, isto é, documentar algo seria uma forma de concretizar aquilo. Por isso, apagar o nome ou a imagem de alguém faria com que ela deixasse de existir, “você apaga a própria pessoa” ⁶¹.

O fim do reinado de Tothmés III é um período bastante pacífico, uma vez que a supremacia egípcia já era reconhecida na Ásia Próxima e as relações comerciais no Egeu eram cordiais. Agora com muitos vassalos na Ásia, o Egito receberia tributos a partir de Tothmés III. Tais tributos ajudaram Tothmés IV e, principalmente, Amenhotep III a criar uma das mais cosmopolitas cortes egípcias, que seria herdada por seu filho, Amenhotep IV, mais conhecido como Akhenaton, cujas mudanças implantadas por ele dentro do Egito refletiriam nas relações com os povos vizinhos, entrando, assim, em decadência.

As bases de um Império.

Apesar do poder de um governante central ser aceito, eventualmente havia certa instabilidade da sucessão ao trono egípcio. Em meio a um destes momentos, os hicsos entram no Egito e formam a XV dinastia, governando a região do Baixo Egito e parte da região do delta. Ao mesmo tempo, a XIII dinastia, deu lugar para a XVII dinastia. O regime hicsu usou muito da cultura egípcia, escrevendo o nome dos reis em hieróglifos e copiando materiais científicos e literários ⁶², por exemplo. Por outro lado, os hicsos levaram inovações para materiais egípcios, que, ironicamente, foram utilizados pelos

⁶⁰ É possível que o templo tenha sido iniciado pelo próprio Tothmés II, cabendo ao seu filho terminá-lo.

⁶¹ SOUZA. *Op. Cit.*, p. 20.

⁶² De acordo com WATTERSON, Barbara. *Amarna. Ancient Egypt's age of revolution*. Tempus: Stroud, 2002, o Papiro Matemático de Rhind e o Papiro Cirúrgico de Edwin Smith só nos são conhecidos hoje através das versões hicsas, por exemplo.

tebanos para a expulsão dos hicsos. Novamente unificado, o Egito conheceu do contexto agressivo asiático e pode organizar-se militarmente ⁶³. Deste modo, as batalhas nesse momento foram necessárias para que o Egito se reunificasse e para o faraó poder se impor dentro e fora de suas fronteiras, que ao mesmo tempo separam um território de outro e aproximam o contato entre essas duas regiões.

Por mais que os egípcios já tivessem ido além de suas fronteiras e estabelecido contatos com outros povos desde os tempos do pré-dinástico ⁶⁴, somente no Reino Novo podemos considerar que o Egito possuiu um Império, que culminou da ação dos faraós do início da XVIII dinastia. Ahmose fundou a dinastia restaurando o Egito. Seu filho e sucessor, Amenhotep I iniciou a expansão das fronteiras, especialmente ao sul. Então, Tothmés I promoveu o exército egípcio profissional ⁶⁵ e expandiu as fronteiras. O governo de Tothmés II foi breve, mas sua esposa, Hatshepsut, governou por alguns anos, tendo priorizado a prosperidade econômica. As campanhas militares voltam a acontecer quando Tothmés III assume, conquistando uma vasta região e enfrentando o poderoso reino de Mitani. Dois anos antes de morrer, Tothmés III nomeou seu filho Amenhotep II como corregente. O governo de Amenhotep II continuou o de seu pai e iniciou contatos diplomáticos. Quando Tothmés IV assume, o poder dos hititas crescia, fazendo com que o faraó promovesse um casamento diplomático com uma princesa mitânica, o que iniciou uma era de paz entre estes reinos.

A zona de influência consideravelmente maior do que nos tempos anteriores e o pagamento de tributos vindos de diversas regiões conferiu o caráter imperial nas expansões consolidadas por Tothmés III, iniciadas ainda com seu avô, Tothmés I.

A imagem que carregamos do Egito Antigo, nos mostra um lugar luxuoso, pacífico e preocupado com sua crença no mundo dos mortos. Contudo, esta noção não está ligada a um período da história egípcia, mas mistura tendências de especificidades e do resultado da coleta de tributos e alianças vindas após um longo período de conflitos que projetaram um Império Egípcio e geraram a tão famosa riqueza naquela região.

⁶³ WATTERSON, Barbara. *Op.Cit.*, pp. 15-16.

⁶⁴ Uma evidência disso é o cabo de uma faca datada de 3300 - 3100 AEC, que possui desenhos fortemente influenciados pelos mesopotâmicos.

⁶⁵ Até então as tropas eram raramente necessárias, por isso, recrutava-se pessoas destreinadas em momentos que fosse preciso.

2. RAINHAS DE AMARNA: A FORÇA POR TRÁS DO FARAÓ

Uma vez estabelecido o Império Egípcio ⁶⁶, a tranquilidade tomou conta da região. O Egito pôde prosperar e enriquecer, porém, a calmaria não dura por muito tempo. Amenhotep IV ⁶⁷ propõe mudanças radicais em nome de um novo culto.

Juntamente com a transformação religiosa, a política, a arte e os modos de vida em geral (uma vez que estes estavam diretamente ligados às crenças) se alteram oficialmente, como teremos a oportunidade de discutir aqui.

Aton de pai para filho

O período de Amarna ficou conhecido especialmente pelo culto ao deus Aton, contudo, tal culto não era algo novo e as mudanças foram muito além das questões religiosas. Antes do governo de Akhenaton, Amon esteve em destaque no Egito desde o início do Reino Novo. Um dos motivos para isso, segundo Aldred ⁶⁸, está no fato de Tebas (região em que estão situadas cidades como Luxor e Karnak) ter se tornado um símbolo da resistência ao domínio estrangeiro, devido às ações comentadas no capítulo anterior. Karnak, assim, se fortificou como local sagrado, uma espécie de santuário, ao qual os faraós levavam oferendas e construíam pequenos oratórios, por exemplo.

Com o território em aparente tranquilidade, Akhenaton talvez não encontrasse mais sentido na simbologia expressa por Tebas, o que o fez procurar um novo signo com a mudança na forma de culto e capital.

Um segundo possível motivo para a mudança, de acordo com Souza, foi o aumento constante da riqueza e influência política dos sacerdotes de Amon, visto como uma ameaça pelos nomarcas ⁶⁹, que já no reinado de Tothmés IV haviam iniciado uma “tentativa de solarização à maneira setentrional do culto religioso” ⁷⁰. Essa tendência de solarização foi elevada fortemente no reinado de Akhenaton, reorientando completamente a religião.

⁶⁶ A opção pelo termo império se dá pela hegemonia imperial egípcia, possuindo limites territoriais, reinos vassalos e zonas de influência. Portanto, refere-se ao período após as conquistas de Tothmés III.

⁶⁷ Nos primeiros anos do reinado deste faraó, Aton não havia assumido a forma de Disco Solar, por isso usaremos Akhenaton para se referir aos anos após a instauração do culto - e a mudança do próprio nome do faraó (cerca do ano cinco de seu reinado)- e Amenhotep IV para os momentos anteriores.

⁶⁸ ALDRED, Cyril. *Op. Cit.*, 1966.

⁶⁹ O termo grego “nomo” foi empregado durante o Período Ptolomaico para se referir às divisões territoriais (estilo províncias) do Egito, chamadas de *sepat*, pelos egípcios. Os responsáveis por cada nome era chamado de nomarca.

⁷⁰ SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Op. Cit.* pp. 32-33.

A ruptura com Tebas e com o clero de Amon abalou as estruturas deste sacerdócio (com o qual o faraó estava dividindo o poder, juntamente com os altos funcionários, saindo, assim, do topo absoluto da hierarquia) de modo que, mesmo após a restauração do culto, ele nunca mais foi o mesmo.

Durante o reinado de Amenhotep III o Egito estava em seu apogeu, com uma vasta área de hegemonia e, conseqüentemente, mais seguro de seu poder régio, sem as preocupações que afligiam os faraós do início da dinastia, tais como proteger-se do domínio estrangeiro, uma vez que o Egito exercia grande influência neste momento. É no reinado de Amenhotep III, também, que vemos Aton ganhar visibilidade ⁷¹. A ascensão do deus é expressa, por exemplo, no nome da quinta filha que teve com Tiye: Beketaten (serva de Aton) ⁷².

A imagem de Aton inicialmente assemelhava-se à de Amon. A semelhança pode ser notada em relevos do início do regime de Amenhotep IV (Fig.1 ⁷³), no quais vemos um deus antropozoomórfico, com cabeça de falcão sobre a qual está um disco solar.

Figura 1. Relevo do pilone X de Karnak com Amenhotep IV e Aton em forma tradicional.



Fonte: Site do Ägyptisches Museum und Papyrussammlung der Staatlichen Museen, de Berlim

⁷¹ É claro que a visibilidade de Aton nesse momento estava longe dos níveis do governo seguinte. Amenhotep III não o apresentava como deus supremo ou único e não negava o poder de Amon.

⁷² WATTERSON, Barbara. *Amarna. Ancient Egypt's Age of Revolution*. Stroud: Tempus, 2002, p. 29.

⁷³ Relevo do pilone X de Karnak com Amenhotep IV e Aton em forma tradicional.

Atualmente em Berlim, no Ägyptisches Museum und Papyrussammlung der Staatlichen Museen, sobre número de catálogo 2072. Disponível em: <http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=607138&viewType=detailView>

© Foto: Ägyptisches Museum und Papyrussammlung der Staatlichen Museen zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz Fotograf/in: Sandra Steiß

A representação de Aton do início do reinado de Amenhotep IV aponta a continuação da tradição, na qual o deus ainda dividia espaço com as outras divindades. A progressiva elevação de Aton, apesar de rápida, possuiu algumas fases. Inicialmente com seu aparecimento junto a Tothmés IV ⁷⁴, seguido por sua ascensão no Egito através de Amenhotep III, a mudança da forma de seu nome e a transformação em Disco Solar e sua elevação a deus único.

A ligação com o deus sol era muito forte durante a XVIII dinastia, por isso Amon foi seu deus regente. Aton, por outro lado, também se relacionava com o sol e assimilava-se com Amon e Hórus, em um primeiro momento, como forma da manifestação visível dos múltiplos deuses solares. A imagem tradicional de Aton (Fig. 1) está ligada a sua primeira definição, com o nome Ra-Haractes-Aton.

Figura 2. Akhenaton, Nefertiti e três de suas filhas sob os raios de Aton



Fonte: Site do Ägyptisches Museum und Papyrussammlung der Staatlichen Museen, de Berlim

O abandono da imagem de Ra-Haractes-Aton, segue da substituição de Amon por Aton como deus regente, isto é, a representação mais característica de Aton, o disco

⁷⁴ A primeira aparição de Aton acontece ainda no Reino Médio, mas é Tothmés IV que proporciona um crescimento e visibilidade.

solar, passa a ser utilizada logo que Amon é rejeitado pelo faraó e instaura-se o novo culto. Na figura 2 ⁷⁵ vemos a nova forma de Aton em posição central: o disco solar emana raios terminados em forma de mãos, das quais algumas seguram o símbolo da vida – *ankh*.

A adoção de Aton como deus exclusivo, contudo, possui uma justificativa. Na figura 3 ⁷⁶ vemos o nome desta divindade e seu título real escrito nos cartuchos, isto é, o primeiro nome didático do deus. No primeiro cartucho (direita) está escrito “aquele que vive, Rá-Haractes se regozija no horizonte”, tendo a imagem do falcão como símbolo do deus. No cartucho da esquerda diz-se “em seu nome de Shu que é Aton ⁷⁷”.

Figura 3. Cartuchos com o primeiro nome didático de Aton



Fonte: Site do Ägyptisches Museum und Papyrussammlung der Staatlichen Museen, de Berlim

⁷⁵ Atualmente no Ägyptisches Museum und Papyrussammlung der Staatlichen Museen, Berlim, sob número de catálogo ÄM 14145. Disponível em: <http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=607132&viewType=detailView>

© Foto: Ägyptisches Museum und Papyrussammlung der Staatlichen Museen zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz

⁷⁶ Atualmente no Ägyptisches Museum und Papyrussammlung der Staatlichen Museen, Berlim, sob número de catálogo ÄM 20720. Disponível em: <http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=607172&viewType=detailView>

© Foto: Ägyptisches Museum und Papyrussammlung der Staatlichen Museen zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz. Fotograf/in: Sandra Steiß

⁷⁷ Também pode ser traduzido como “em seu nome de Shu que emana de Aton”

Shu é o deus egípcio que separa o céu da terra, sendo a divindade do ar e da luz solar ⁷⁸. É notável que os cartuchos aludam aos outros deuses como representações do próprio Aton. Nesse sentido, Aton apropria-se de deuses como partes que o compõem, sem os excluir, mas incorporando-os a uma única divindade exclusiva, ao menos em um primeiro momento.

Com isso, notamos que, apesar de ser conhecido por mudanças radicais na cultura egípcia, o culto de Amarna foi uma releitura de princípios que já existiam no Egito Antigo, como a solarização da religião. A novidade é a forma de representação, saindo do tradicional antropozoomórfico para uma forma geométrica da qual saem braços, e na retirada dos outros deuses. O que acontece, então, é a simplificação na qual só existe a imagem do deus e do rei ⁷⁹.

Segundo Souza ⁸⁰, a mudança na forma da representação de Aton reflete a tendência de exaltar a figura do faraó, uma vez que simplificando a imagem do deus, a atenção se volta a Akhenaton e sua família, induzindo o culto a estes. Tal tendência, como já foi apontado, estava presente no governo de faraós anteriores, porém, Akhenaton elevou-a ao extremo, transformando a família real em elementos divinos e únicos mediadores entre os homens e os deuses. Consequentemente, o culto deve se dirigir para Akhenaton e Nefertiti, os únicos que poderiam adorar ao deus.

Deste modo, vemos a formação de uma nova tríade. A tríade ⁸¹ vigente, Amon – Mut ⁸² – Khonsu ⁸³, dá lugar a Aton – Akhenaton – Nefertiti, no seguinte modelo ⁸⁴:

⁷⁸ HAT, George. *The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*. New York: Routledge, 2005, p. 147.

⁷⁹ SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Op. Cit.*, pp. 78-79.

⁸⁰ *Idem.*

⁸¹ Outra tríade bastante conhecida no Egito Antigo é Osíris – Ísis – Hórus. No mesmo modelo da tríade de Amon, com o casal divino (Amon e Mut/Osíris e Ísis) no topo, e o filho (Khonsu/Hórus) na ponta do triângulo.

⁸² De acordo com HAT, George. *Op. Cit.* pp. 97-98, a deusa Mut é esposa de Amon e é um símbolo de maternidade. A palavra egípcia *mwt* representada por um abutre (símbolo da deusa) é traduzida nos dias de hoje como “mãe”. Apesar de o abutre ser a forma mais conhecida da deusa, ela também pode ser representada na forma de uma leoa.

⁸³ De acordo com HAT, George. *Op. Cit.* pp.86-88, Khonsu é uma divindade ligada à noite, adorado em Tebas e filho da união entre Amon e Mut.

⁸⁴ SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Op. Cit.*, p. 79.



É interessante notar que a posição do triângulo se inverte: Akhenaton e Nefertiti passam a ser filhos do deus exclusivo, que, por sua vez, não precisa de uma outra divindade companheira.

Arte tradicional e arte amarniana

O impacto da mudança do culto também se refletiu na arte. Mais adiante iremos buscar na arte aspectos que nos apontem a influência política das rainhas mãe e esposa no governo de Akhenaton. Deste modo, para que possamos analisar imagens, é necessário definir alguns pontos sobre a arte egípcia tradicional e amarniana.

A arte egípcia não pretende representar o mundo de acordo com as proporções física, por isso utilizam uma espécie de diagrama que transmita informações visualmente ⁸⁵. Um exemplo bastante simples está nas paisagens, normalmente representadas como uma vista aérea, enquanto plantas, animais e pessoas são representadas de perfil. Isso acontece porque a arte apropria-se das formas mais características das coisas, juntando-as para formar o todo. Outro exemplo são as cenas de casais, nas qual a mulher, que estaria posicionada atrás de seu marido, é posicionada ao lado do homem. O deslocamento também pode ser vertical, como no caso das mesas de oferendas (Fig. 7), que empilham as oferendas para que nenhuma seja encoberta ⁸⁶.

A arte também seguia regras para representar as pessoas. A lei da frotalidade ⁸⁷ é a mais conhecida nos dias de hoje, mas proporção, cor e disposição são exemplos de outros moldes que deveriam ser seguidos.

Para o nosso caso, o tamanho dos indivíduos deve ser notado. A relação entre tamanho e importância de uma pessoa era feita de modo direto: quanto mais importante, maior era sua representação. Por esse motivo o rei sempre aparece maior que qualquer

⁸⁵ SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Op. Cit.* p. 96

⁸⁶ *Idem*, pp.96-98.

⁸⁷ A lei da frontalidade exige que o corpo humana seja representado com cabeça, braços e pernas de lado, e o tórax de frente, por apresentar as formas mais características e reconhecíveis da pessoa representada.

outro humano – mais ainda menor que os deuses –, os pais são maiores que seus filhos e qualquer indivíduo é maior que os animais.

Os lados direito e esquerdo, por sua vez, eram relacionados ao sol e a lua, sendo a direita mais auspiciosa do que a esquerda, assim a esposa normalmente estará a direita do marido. No caso de pessoas recebendo oferendas, a mais importante está maior e próxima e mesa ⁸⁸.

Na aparência evita-se retratar velhice, doença e deformidades. O homem pode ser, contudo, representados na meia idade, enquanto as mulheres sempre aparecem jovens. Além disso, o movimento violento não é apreciado, mesmo nas cenas de caça ou do rei golpeando o inimigo. Nesse tipo de imagem evidencia-se o equilíbrio perfeito do do corpo.

Na arte amarniana alguns aspectos são alterados. Acontece um encurtamento das pernas, a cintura é mais estreita, a cabeça, em alguns casos, é pequena, a barriga torna-se proeminente e direciona-se o olhar do espectador para os quadris e coxas largas. Além disso, as linhas curvas ganham destaque. Contudo, o uso da escala para apontar superioridade permaneceu o mesmo.

As novas características da arte, de acordo com Souza, tem a ver com a mudança do foco de atenção, que sai dos deuses e volta-se para a família real sob os raios do deus Aton ⁸⁹. Como já foi apontado, o deus abandona sua forma antropozoomórfica e assume a forma do disco solar que oferece o *ankh* para a família real.

É bastante provável que as novas formas artísticas, propostas por Akhenaton, quisessem demonstrar a equivalência entre Aton e Akhenaton, seu filho e representante encarnado ⁹⁰.

O ofício da mulher

Outro aspecto que deve ser esclarecido antes que possamos discutir sobre as rainhas é o ofício feminino. Entender quais eram os papéis dedicados às mulheres e qual era a representação destas dentro da sociedade, irá nos deixar melhor posicionados para

⁸⁸ *Idem*, pp. 102-103

⁸⁹ *Idem*, p. 105.

⁹⁰ *Idem*, p. 107.

enfim buscarmos compreender até que ponto as rainhas Tiye e Nefertiti se destacaram na sociedade egípcia.

É verdade, porém, que as mulheres no Egito Antigo sempre possuíam responsabilidades que auxiliam a garantir a *maat*⁹¹. Por um lado, a *maat* deve ser mantida pela realização dos ofícios masculinos e femininos, resultando em uma equivalência entre os sexos. Tais ofícios, por outro lado, não se misturavam. Era dever do homem qualquer coisa ligada aos atos de conduzir (o que inclui governar), julgar e guerrear, enquanto a principal função das mulheres era gerar filhos⁹². Deste modo, entendemos o porquê das egípcias não aparecerem em cargos régios ou influenciando no governo.

Contudo, a mulher não era privada de uma vida independente de seu marido. Elas possuíam direitos como adotar crianças em seu nome, caso desejassem, pedir divórcio, prestar testemunho, receber heranças, possuir e administrar bens e determinar com quem estes ficariam depois de sua morte, por exemplo. As egípcias, apesar de raramente serem alfabetizadas, poderiam, ainda, exercer atividades importantes dentro de templos, como musicistas, dançarinas e acrobatas em cerimônias religiosas, e, além disso, eram comumente requisitadas para a coleta e extração de essências das flores. Em todas as instâncias da vida, as mulheres eram tratadas como os homens, podendo andar livremente pelas ruas sem a necessidade de véus cobrindo a cabeça ou o rosto⁹³.

No Reino Novo, em especial na XVIII dinastia, as mulheres começaram a conquistar cada vez mais importância na sociedade, não é por acaso o fato de serem desse período a maior parte das rainhas conhecidas por possuir posição privilegiada e papéis de influência na sociedade egípcia.

A Rainha mãe: Tiye.

Por ser mãe de Akhenaton, antes de analisarmos as imagens de Tiye, iremos apontar um pouco mais sobre o valor dado à maternidade. Como vimos, ser mãe era

⁹¹ Maat é o nome da deusa egípcia, filha de Rá, responsável por manter a justiça, verdade e ordem do universo. Seu nome era usado como um termo cujo significado era o mesmo que as suas responsabilidades. Neste trabalho, *maat* enquanto termo estará em itálico e a deusa Maat terá a primeira letra em maiúsculo, por se tratar de um nome, e não estará em itálico.

⁹² SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Op. Cit.* p. 78.

⁹³ BAKOS, Margaret M. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 60.

algo muito valorizado durante o Egito Antigo. Elas deveriam ser respeitadas e possuíam o direito de deserdar o filho com o qual estivessem descontentes, por exemplo.

Uma das “Instruções de Any”, instruções de sabedoria, lírica amorosa e ensinamentos sobre como escolher e conviver com a mulher, escritas pelo escriba do palácio de Ahmose-Nefertari ⁹⁴; deixa clara a importância dada à maternidade:

*Retribua em dobro a comida que sua mãe lhe deu,
Sustente-a como ela sustentou você;
Ela teve em você um fardo pesado, mas ela não o abandonou.
Quando alguns meses depois de você ter nascido,
Ela ainda o tinha como sua canga.
Seus seios em sua boca por três anos.
Como você crescia seu excremento ficava nojento,
Mas ela não se enojava, dizendo: “O que podemos fazer?”
Quando ela mandou você à escola
E você foi ensinado a ler e a escrever,
Ela ficou vigiando você diariamente,
Com pão e cerveja na sua casa.
Quando você como um jovem tomar uma mulher.
E você se estabelecer na sua casa.
Preste atenção no seu produto,
Faça-o crescer como fez sua mãe.
Não lhe dê motivo para amaldiçoá-lo
Para que ela não tenha que levantar suas mãos para Deus,
E ele tenha que a ouvir chorar ⁹⁵.*

A importância materna certamente ajuda a nos explicar o aparecimento de Tiye em documentos datados do governo de seu filho, Amenhotep IV/Akhenaton. Contudo, não pode ser considerada como único fator.

Apesar de não ser uma rainha convencional, uma vez que não era parente do faraó, Tiye possuía forte influência já no governo de seu marido. A rainha era filha de Yuya ⁹⁶, o sumo sacerdote de Min e, mais tarde, chefe da cavalaria, e da dama Tuya, superintendente do harém de Akhmin e Amon ⁹⁷. A família de Tiye não possuía posição

⁹⁴ A rainha Ahmose-Nefertari (c. 1570-1505 AEC) era esposa de Ahmose e possivelmente filha de Ahhotep. De acordo com Betsy M. *Op. Cit.*, p. 219, o nome dessa rainha aparece pela primeira vez na “estela da doação” feita por Ahmose, onde é descrita como a “filha do rei”, “irmã do rei”, “grande esposa real”, “esposa do deus Amon” e “Senhora do Alto e Baixo Egito”. A rainha operava independentemente de seu marido na construção de monumentos e nas operações de cargos religiosos. Ahmose-Nefertari, ainda, recebe o título de “segundo profeta de Amon”, cargo que ela manteve até o reinado de Tothmés I e que só seria assumido posteriormente por homens. A posição conquistada pela rainha não era apenas religiosa, ela exercia poder político, uma vez que essas coisas não se separavam no Egito Antigo - o que explica o fato de Ahmose-Nefertari ter usado mais frequentemente o título de “esposa do deus Amon” que o de “grande esposa real”.

⁹⁵ BAKOS. *Op. Cit.* pp. 49-51.

⁹⁶ É possível, segundo Green, que o pai de Nefertiti fosse de origem asiática.

⁹⁷ SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Op. Cit.* pp. 84-85.

elevada, mas exercia influência dos cultos locais de Tebas. Um dos irmãos de Tiye foi sumo sacerdote de Amon e alto sacerdote de Atum-Rá. Além disso, possivelmente Ay⁹⁸ também era seu irmão. De acordo com Green, é possível que membros da família de Tiye fossem militares do Reino Médio, “antigos redentores” da linha Tothmosiada próximos à realeza⁹⁹.

Segundo Bryan, Amenhotep III assumiu o trono ainda jovem, provavelmente aos doze anos de idade. Acredita-se que Mutemwiya, mãe de Amenhotep III, não tenha assumido a regência, o que gerou duas teorias: ou o faraó teria assumido sozinho o governo, sem empecilhos, ou, talvez, membros da família de Tiye tenham o assistido no início do reinado. Contudo, apesar de essa ideia ser bastante forte – até mesmo durante este período -, não há documentação conclusiva sobre a ação da família de Tiye por trás do trono¹⁰⁰.

Fig. 4 Bracelete com Tiye na forma de uma esfinge com o cartucho com o nome de Amenhotep III nas mãos.



Fonte: ARNOLD, Dorothea (org). The Royal Women of Amarna: Images of Beauty from Ancient Egypt. New York: Distributed by Happy N. Abrams, Inc, The Metropolitan Museum of Art, 1996, p. 107.

⁹⁸ Existem dúvidas cercando Ay, mas acredita-se que além de possível irmão de Tiye, ele pode ter sido pai de Nefertiti, o que faria desta rainha prima de Akhenaton. Ay, durante o reinado de Akhenaton possuiu a maior parte dos títulos de Yuya e chegou a se tornar faraó posteriormente.

⁹⁹ GREEN, L. **The Royal Women of Amarna: Who was Who.** IN: ARNOLD, Dorothea (org). *The Royal Women of Amarna: Images of Beauty from Ancient Egypt.* New York: Distributed by Happy N. Abrams, Inc, The metropolitan Museum of Art, 1996, p. 7.

¹⁰⁰ BRYAN, Betsy. *Op. Cit.* p. 253.

Sabemos, porém, que Tiye foi retratada ao lado de seu marido em estátuas colossais, foi venerada como deusa em Sedeinga¹⁰¹ (Fig. 5) e retratada como esfinge esmagando os inimigos¹⁰² ou segurando o cartucho com o nome de Amenhotep III (Fig. 4¹⁰³), por exemplo.

Podemos notar, assim, que Tiye possuía um papel de destaque no governo de Amenhotep III. A importância da rainha era tanta que ela não somente aparecia ao lado do marido em seu jubileu e nas paredes do templo de Soleb, por exemplo, mas também foi deificada e incluída no programa solar, considerada como o olho de Rá no Sudão, que se uniu a divindade Nebmaatra¹⁰⁴ para retornar ao Egito e restaurar a *maat* do mundo¹⁰⁵.

Figura 5. Templo de culto a Tiye em Sedeinga, na Núbia, no qual a rainha foi representada como a deusa Tefnut.



Fonte: DODSON, Aidan. Amarna Sunset: Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb, and the Egyptian Counter-Reformation. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009, p. 2.

¹⁰¹ GREEN, L. *Op. Cit.* p. 7.

¹⁰² SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Op. Cit.*, p. 86.

¹⁰³ Atualmente no The Metropolitan Museum of Art, com o número de catálogo: 26.7.13.42. Disponível em: <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/544497>

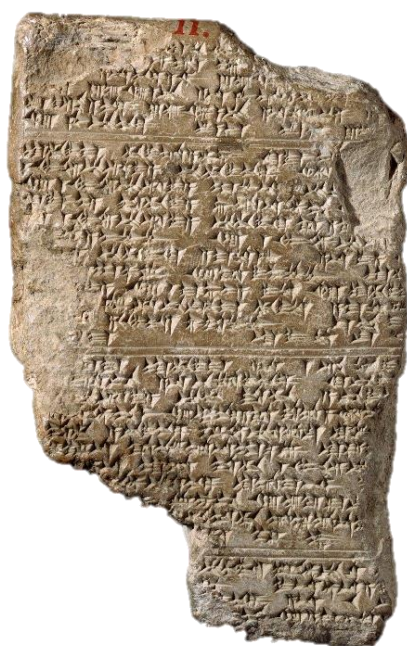
¹⁰⁴ Prenome de Amenhotep III.

¹⁰⁵ BRYAN, Betsy. *Op. Cit.* p. 259.

Destarte, a influência de Tiye fica mais clara – e expressiva - quando lemos as Cartas de Amarna ¹⁰⁶, em especial, as enviadas por Tushratta, rei de Mitani, sob os números EA26, 28 e 29 ¹⁰⁷.

Nestas cartas, Tushratta afirma, constantemente, que Tiye era conhecedora dos assuntos tratados entre ele e Amenhotep III, o que nos indica sua influencia política. A carta EA26 (Fig. 6 ¹⁰⁸) é a que aqui merece destaque, uma vez que foi direcionada para a própria rainha e não ao faraó.

Figura 6. Carta EA26. Enviada por Tushratta para Tiye.



Fonte: Site do British Museum

O tablete de pouco mais de 14 centímetros possui um texto denso, no sentido de apontar formalidades e passar uma mensagem clara. A tradução em inglês foi feita por William L. Moran, e pode ser entendida da seguinte maneira:

¹⁰⁶ Encontradas em 1887, as Cartas de Amarna recebem este nome por terem sido descobertas na cidade Tel el-Amarna, antiga Akhetaten fundada por Akhenaton durante sua reforma religiosa. As correspondências possuem inscrições em cuneiforme (escrita diplomática da época) com acordos entre o Egito e os povos vizinhos, independentes ou vassallos, no século XVI AEC.

¹⁰⁷ Quando J. A. Knudtzon publica o primeiro volume de “Die El-Amarna-Tafeln”, em 1907, 358 tabletes eram conhecidos. J. A. Knudtzon organizou-as cronológica e geograficamente, em um sistema utilizado até hoje com a sigla “EA”. Após 1907, mais 24 tabletes foram encontrados. Com exceção dos EA80, EA81 e EA82, os tabletes “pós-Knudtzon” foram analisados por Anson F. Rainey, em 1970.

¹⁰⁸ Atualmente no British Museum, sob número de catálogo E29794. Disponível em: http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=276254&partId=1&searchText=Amarna+letters&page=1

Diga a Tiye, senhora do Egito: De Tushratta, rei de Mitani. Para mim, tudo vai bem. Que tudo vá bem para você. Para a sua família, para seu filho, que tudo vá bem. Para Tadu-Heba, minha filha, sua nora, que tudo vá bem. Para os seus países, para suas tropas, e para qualquer outra coisa que te pertence, que tudo vá muito, muito bem.

Você é a que sabe que eu sempre mostrei amor por Mimmureya¹⁰⁹, seu marido, e que Mimmureya, seu marido, por outro lado, sempre mostrou amor por mim. E as coisas que eu escreveria e diria para Mimmureya, seu marido, e as coisas que Mimmureya, seu marido, escreveria e diria para mim, você, Keliya, e Mane sabem. Mas você é a única, por outro lado, que é a que sabe muito melhor todas as outras coisas que nós diríamos um para outro. Ninguém mais as sabe tão bem.

E agora, você mesma disse para Keliya, “Diga para o seu senhor: Mimmureya, meu marido, sempre mostrou amor por seu pai, e mantinha-o por você, ele não esqueceu o amor por seu pai, e ele não cortou as embaixadas que ele costumava enviar, um após o outro. E agora você é quem não pode esquecer seu amor por Mimmureya, seu irmão. Aumente isso para Naphurreya¹¹⁰ e mantenha isso por ele. Você deve continuar a enviar embaixadas de alegria, uma após a outra. Não as corte”.

Eu não vou esquecer o amor por Mimmureya, seu marido. Mais do que nunca antes, neste momento, eu mostro dez vezes – muito, muito – mais amor para Naphurreya, seu filho. Você sabe as palavras de Mimmureya, seu marido, mas você não mandou todas as saudações-presente que seu marido ordenou para serem enviadas. Eu pedi para seu marido estátuas de ouro maciço, dizendo “Que meu irmão envie para mim, como minhas saudações-presente, estátuas de ouro sólido fundido e ouro e genuína lápis-lazúli”. Mas agora Naphurreya, seu filho, substituiu por estátuas de madeira. Como ouro sendo pó no país de seu filho, por que elas [estátuas de ouro] tem sido motivo de tanta aflição para seu filho que ele não me enviou elas para mim? Além disso, eu pedi [...] para me dá-las. Isso é amor? Eu tenho dito, “Naphurreya, meu irmão, irá me tratar dez vezes melhor que seu pai me tratou”. Mas agora ele não me enviou nem mesmo o que seu pai era acostumado a me enviar.

Por que você não expôs para Naphurreya as palavras que você mesma, com a sua própria boca, disse para mim? Se você não expuser para ele, e você continuar em silêncio, alguém mais pode saber? Faça Naphurreya me enviar estátuas de ouro maciço! Ele não deve me causar aflição mais, nem [...]. Faça-o tratar comigo dez vezes melhor que seu pai tratou, com amor e evidencia de estima.

Que seus próprios mensageiros vão regularmente com mensagens de Naphurreya, com 5 [...]para Yuni, minha esposa, e que os mensageiros de Yuni, minha esposa, vão regularmente para você.

¹⁰⁹ Nome dado a Amenhotep III nessa série de correspondências.

¹¹⁰ Nome dado a Amenhotep IV/Akhenaton.

*Eu com isso envio sua saudação-presente [x] recipientes para perfume cheios de “óleo doce” e um conjunto de pedras incrustadas em ouro.*¹¹¹

Ao afirmar que Tiye sabe das palavras trocadas entre seu marido e Tushratta e a que melhor sabe o que estes diriam um ao outro, fica bastante visível a participação política desta rainha. Já havíamos comentado tal importância de Tiye durante o governo de Amenhotep III, contudo, a novidade trazida pela carta está no apelo para a rainha interferir nos assuntos tratados pelo seu filho.

O prestígio de Tiye, então, ultrapassou as fronteiras, chegou à Núbia, onde foi cultuada, e em Mitani, por exemplo. A estima pela rainha ultrapassou, também, as fronteiras do regime de seu marido, sendo igualmente influente no governo do filho.

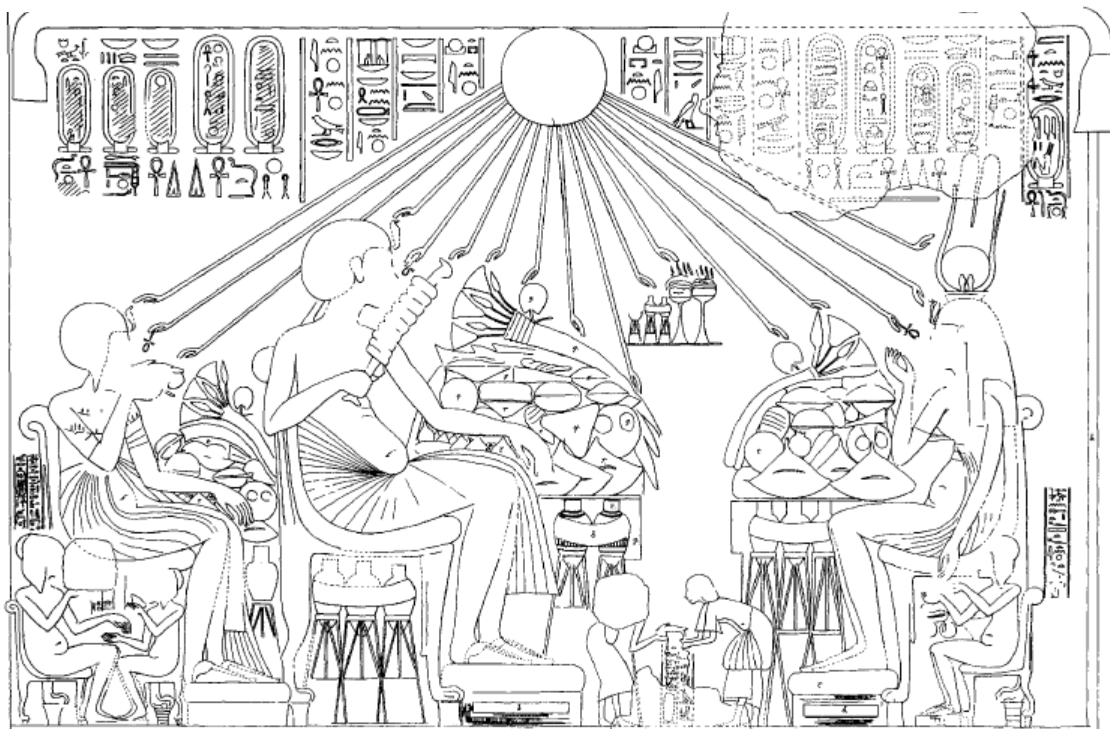
A carta enviada por Tushratta nos aponta que o faraó negligenciou os assuntos políticos e a aliança com Mitani, não cumprindo os acordos já estabelecidos. Na tentativa de reestabelecer a ordem nas questões diplomáticas entre Mitani e Egito, Tushratta faz algumas investidas. A carta para Tiye é apenas uma delas. Outras duas cartas, enviadas para o próprio faraó, o aconselham a ouvir sua mãe, pois ela, melhor do que ninguém sabe quais são os tratados determinados entre estes dois reinos¹¹².

Outro aspecto em que podemos notar a influência de Tiye durante o regime de Akhenaton está na própria arte amarniana. Dissemos aqui que as imagens buscavam valorizar o casal real, para que este fosse cultuado como divindade, contudo, Tiye também aparece, junto a seu filho e Nefertiti em cenas cotidianas (Fig. 7.).

¹¹¹ Tradução própria, do inglês. Texto em inglês retirado de: MORAN, William. *The Amarna Letters*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992, pp. 84-85. Original em cuneiforme em: catálogo E29794, British Museum.

¹¹² São as cartas EA26, EA28 e EA29.

Figura 7. Relevo do banquete da família real, na tumba de Huya em Amarna. Desenho de Norman de Garis Davies.



Fonte: MURRAY, W. *Texts From The Amarna Period in Egypt*, Atlanta: Scholar Press, 1995, p. 132.

Na imagem do banquete real podemos ver Akhenaton e Nefertiti na esquerda, acompanhados por suas filhas Meriaten e Meketaten. Tiye e sua filha Baketaten estão na direita. Entre eles está Huya recebendo alimento de um servo do rei. Escrito acima de Tiye está: “A Mãe do Rei, Esposa Principal do Rei, Tiye, que ela viva para sempre continuamente”. Ao lado de Beketaten: “Corpo da filha do rei, sua amada, Baketaten”. Em frente a Huya: “O superintendente dos aposentos reais da esposa do rei, Huya”. A cima desta cena: “O favorito de Waenre, o atendente do Senhor das Duas Terras em todos os locais que ele quiser, superintendente dos aposentos, do tesouro, dos servos da Mãe do Rei, Esposa Real, Tiye – que ela viva – Huya, justificado”^{113, 114}.

A inserção de Tiye na imagem da família real revela sua importância no governo de Akhenaton, uma vez que sua presença em imagens cotidianas a inclui no culto solar. Nefertiti, como veremos adiante, possuía um papel de destaque e influência na religião do marido, com representações nunca vistas antes atribuídas a uma rainha. Isso nos

¹¹³ Justificado ou justo de voz é a forma de afirmar que tal indivíduo já está morto. Nesse sentido, Huya estava justificado, uma vez que já passou pela pesagem do coração e agora habita no mundo de Osíris.

¹¹⁴ Tradução própria, do inglês. MURRAY, W. *Texts From The Amarna Period in Egypt*, Atlanta: Scholar Press, 1995, pp. 131 -133.

aponta que, talvez, por Tiye e Nefertiti estarem no mesmo tamanho, ambas tenham sido de grande consideração por Akhenaton.

Ainda durante o governo de seu filho, tumbas de oficiais retratam a presença de Tiye em Akhetaten, a rainha também recebeu um templo solar e aparece sendo conduzida por Akhenaton para o novo local de culto ¹¹⁵.

Além disso, a aparição do já falecido Huya, pai de Tiye, na imagem nos sugere que a família desta rainha permaneceu com grande estima no governo de Akhenaton, reforçando a teoria de que Nefertiti fosse filha de Ay, que veremos em seguida. Mesmo que em comparação ao rei, a família de Tiye fosse plebeia, a consideração por ela pode ser notada até mesmo após o regime de Akhenaton, quando Ay assumiu, por poucos anos, a posição de faraó ¹¹⁶.

Grande Esposa Real: Nefertiti

O aumento do poder da esposa real no Período de Amarna já foi comentado aqui anteriormente, na medida em que Nefertiti foi inserida no culto de Aton. Essa participação, porém, é ainda mais significativa do que pode parecer em um primeiro momento, como teremos a oportunidade de verificar.

Apesar de Nefertiti ser uma das rainhas egípcias mais populares nos dias de hoje, pouco sabemos sobre suas origens. Diversas são as teorias pensadas para explicar quem era Nefertiti. Atualmente, a hipótese mais aceita afirma que esta rainha era filha de Ay, irmão de Tiye, e que sua mãe fazia parte do culto a Ahmose-Nefertari, embora não possamos ter certeza sobre nenhum desses aspectos ¹¹⁷. Sabemos, porém, que a rainha adicionou Nefernefruatén como prenome de Nefertiti ¹¹⁸, ainda antes de Amenhotep IV modificar o seu nome para Akhenaton, no quinto ano de seu reinado ¹¹⁹.

¹¹⁵ GREEN, L. *Op. Cit.* p. 8.

¹¹⁶ Governou entre 1327 e 1322 AEC, após o breve governo de Tutankhamon.

¹¹⁷ SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Op. Cit.* pp. 87 - 88.

¹¹⁸ Nefernefruatén-Nefertiti significa “bela é a beleza de Aton - a bela chegou”.

¹¹⁹ GREEN, L. *Op. Cit.*, p. 9.

No início do reinado de seu marido, Nefertiti usou as insígnias comuns de uma rainha, como a coroa de plumas e o toucado da deusa Hathor, filha do deus sol Rá ¹²⁰. Essa associação solar deve ter tornado essa coroa aceitável no culto a Aton ¹²¹. Contudo, quando a capital mudou de Tebas para Akhetaten, Nefertiti já possuía sua típica coroa azul, que não foi usada por nenhuma outra rainha antes ou depois de Nefertiti.

Figura 8. Estátuas ao lado da Estela de Fronteira A em Amarna. Desenho de Robert Hay, 1927.



Fonte: ARNOLD, Dorothea (org). The Royal Women of Amarna: Images of Beauty from Ancient Egypt. New York: Distributed by Happy N. Abrams, Inc, The Metropolitan Museum of Art, 1996, p. 108

A importância da rainha é percebida ainda antes da mudança para a nova capital, Akhetaten, quando Nefertiti aparece em Karnak fazendo oferenda a Aton sem a presença do marido. Além disso, segundo Souza, pessoas comuns faziam preces diretamente à rainha, o que compensava o banimento das deusas tradicionais ¹²².

¹²⁰ Não usou, porém, a coroa de abutre, uma vez que esse fazia referência à deusa Mut, esposa de Amon.

¹²¹ ARNOLD, Dorothea, **An Artistic Revolution: the early years of the king Amenhotep IV/Akhenaten**. IN: ARNOLD, Dorothea (org). *The Royal Women of Amarna: Images of Beauty from Ancient Egypt*. New York: Distributed by Happy N. Abrams, Inc, The metropolitan Museum of Art, 1996, p. 18.

¹²² SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. Op. Cit., pp. 88 – 89.

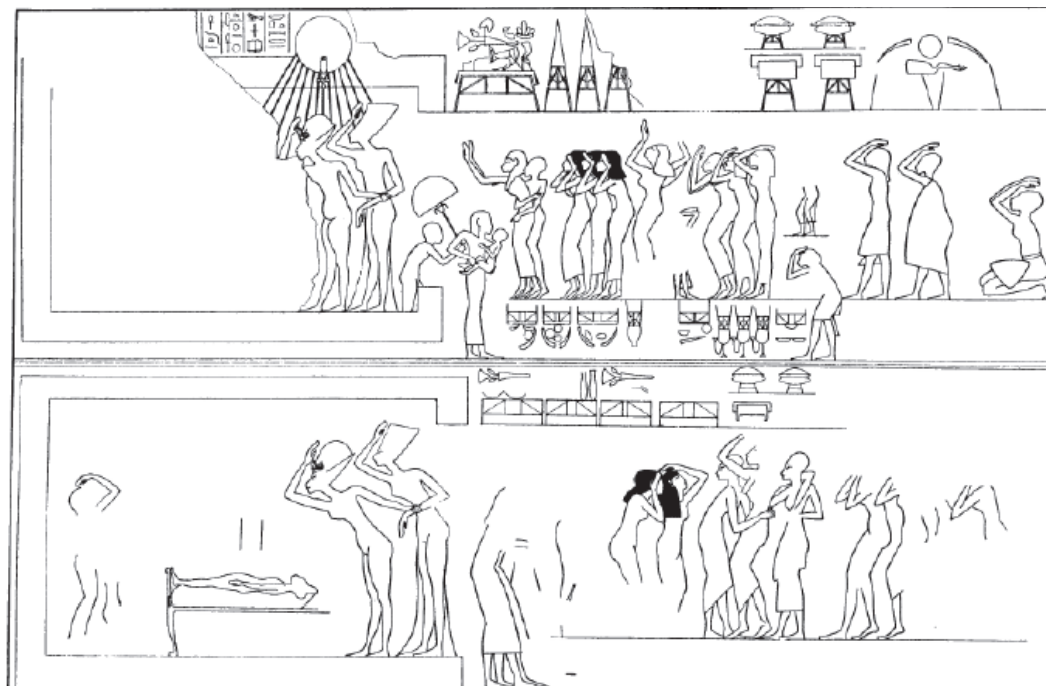
O status elevado de Nefertiti no interior do Egito fica visível na arte, como afirmado anteriormente. As imagens da Rainha, por exemplo, eram quase tão presentes nos templos de Aton em Karnak quanto as de seu marido. Com a criação da nova arte amarniana em pouco se diferenciava as imagens de Akhenaton e Nefertiti, as representações só se distinguíam pelo formato do cabelo e pelos aparatos régios¹²³ (Fig. 2).

Apesar de a arte ter mudado alguns aspectos das representações humanas, como foi apontado anteriormente, o tamanho das figuras continuou sendo um referencial para medir a importância das pessoas. Por esse motivo, é interessante notar que Nefertiti aparece, na maioria dos casos, quase na mesma altura do marido (Fig. 8).

Essa importância determinada pelo tamanho da figura é ainda mais expressiva quando observamos a câmara α da tumba real de Amarna (Fig. 9).

Apesar de danificada, a cena apresenta a morte de Meketaten, filha do casal real, e é dividida em duas partes. Na parte de cima vemos Akhenaton e Nefertiti sob os raios de Aton, seguidos pelas carpideiras, e uma mulher que segura um bebê. Abaixo, o casal real aparece em frente ao corpo da filha justificada e, mais uma vez seguidos, pelas carpideiras.

Figura 9. Câmara α da Tumba Real de Amarna, com a cena da morte de Meketaten

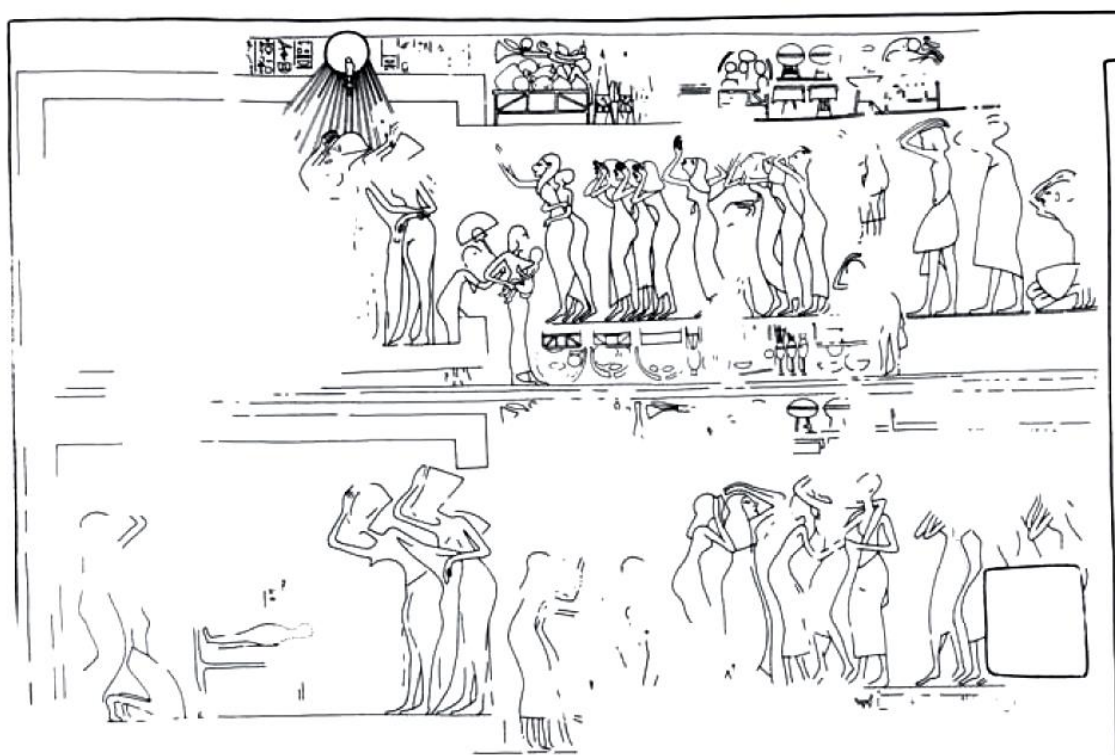


Fonte: BRAND, Peter J & COOPER, Louise. *Causing His Name To Live*. Boston: Brill, 2009, p. 84.

¹²³ ARNOLD, Dorothea. *Op. Cit.*, pp. 17 -18.

Muitos estudos sobre esse painel questionam sobre o bebê que aparece na cena superior ¹²⁴, contudo, para este trabalho é interessante notar as proporções de Nefertiti na imagem. Na cena superior a rainha aparece em tamanho maior que Akhenaton e na inferior, ambos tem, pelo menos o mesmo tamanho ¹²⁵. Não podemos afirmar, porém, que a imagem nos apresenta Nefertiti como alguém mais influente que o marido, nem mesmo na cena de cima. É possível que, ao fazer a reconstituição da imagem danificada, a rainha tenha recebido ombros mais altos, uma vez que na imagem de Geoffrey T. Martin (Fig. 10), os ombros do casal estão comprometidos.

Figura 10. Câmara a da Tumba Real de Amarna, com a cena da morte de Meketaten



Fonte: DODSON, Aidan. Amarna Sunset: Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb, and the Egyptian Counter-Reformation. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009, p.22.

As diferenças nas imagens são sutis, mas podemos afirmar que Nefertiti aparece pelo menos com o mesmo tamanho de Akhenaton, o que lhe confere uma posição de destaque.

¹²⁴ É o caso do artigo VAN DIJK, Jacobus. **The Death of Meketaten**. IN: BRAND, Peter J & COOPER, Louise. *Causing His Name To Live*. Boston: Brill, 2009, pp. 83-88.

¹²⁵ Para comparar os tamanhos das imagens o referencial sempre será os ombros, uma vez que coroas e adereços na cabeça podem dificultar a medida. Em cenas diagonais ou arredondadas, o tamanho deve respeitar o ângulo, por isso, mesmo que Akhenaton pareça mais baixo que Nefertiti na cena inferior, o ângulo de curvatura e o formado pelos ombros da rainha seguem uma linha reta, o que significa que o tamanho dos dois é igual.

Outra representação bastante significativa de Nefertiti está em talatats encontrados em Hermópolis com cenas no rio Nilo (Fig. 11 ¹²⁶). Nessa imagem vemos um barco do qual os remos possuem as pontas superiores com o que parece ser a imagem da cabeça da rainha Nefertiti. Mais a esquerda da imagem, podemos ver a rainha sob os raios de Aton (Fig. 12).

No detalhe podemos perceber que Nefertiti aparece segurando uma maça, pronta para acertar a pessoa que está sob seu domínio. Esse tipo de representação é bastante comum para os reis, contudo, não é associado ao feminino.

Figura 11. Talatat com cena de barcos



Fonte: Site do Museum of Fine Arts, Boston.

Estar representada em uma forma tipicamente masculina – por se relacionar ao ofício de conduzir e julgar –, pode significar que Nefertiti assumiu certo reconhecimento político, para além da sua autoridade religiosa, já percebida em outros estudos ¹²⁷.

Anteriormente apontamos que o culto de Aton agregou Nefertiti, por isso, a inserção de Nefertiti na tríade divina de Amarna a aproxima das deusas Tefnut e Maat,

¹²⁶ Atualmente no Museum of Fine Arts, Boston, sb número de catálogo 64.521. Disponível em: <http://www.mfa.org/node/9415>

¹²⁷ A importância de Nefertiti no culto religioso pode ser vista em obras como: ARNOLD, Dorothea. *Op. Cit.*; DODSON, Aidan. *Op. Cit.*; GRAVES-BROWN, Carolyn. *Op. Cit.*; e SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Op. Cit.*, por exemplo.

uma vez que ambas são filhas do deus criador (em diferentes mitos). Dessa forma, Akhenaton terá Maat a seu lado, o que nos ajuda a explicar a importância de Nefertiti nos cultos de Aton. Além disso, uma vez que Nefertiti deve ser adorada como uma deusa por ser o intermediário para o culto com Aton e suas funções na sociedade vão além dos papéis desempenhados por rainhas anteriores.

Figura 12. Detalhe do talatat com cena de barcos, mostrando Nefertiti massacrando inimigos.



Fonte: Site do Museum of Fine Arts, Boston.

A força por trás do faraó

Considerando o papel de destaque que Tiye e Nefertiti receberam durante o governo de Akhenaton, podemos afirmar que o faraó não governou sozinho. O novo direcionou as preces à família real, incorporando-a, assim, nas crenças amarnianas. No capítulo a seguir comentaremos mais analisaremos o modo como mãe e esposa ficaram em evidência na sociedade faraônica deste período, a partir das imagens apresentadas aqui. Para tanto retomaremos aspectos trazidos até então, como a instauração do Império, as motivações da mudança para o culto de Aton e as formas como tais rainhas estão sendo representadas nesse contexto.

3. CONCLUSÕES: A INFLUÊNCIA DAS RAINHAS

Comumente associamos o faraó ao centro do poder egípcio, sendo o responsável por toda a administração local e estando ao topo absoluto da hierarquia. A própria imagem do faraó, assim, muitas vezes é idealizada. A não “humanização” de um faraó leva crianças, sobretudo, a acreditarem que o governante do Egito Faraônico era um ser quase mitológico com centenas de anos ¹²⁸. De acordo com Sauneron ¹²⁹, a ideia de um poder absoluto tem origem na pré-história, quando o chefe de tribo era, de fato, o responsável pela vida material de seu clã. Esta origem também serve para a concepção de faraó-deus, uma vez que o chefe de tribo era o encarregado pela força vital e interprete da vontade dos deuses e da ação da natureza.

Todavia, sabemos que um faraó era uma pessoa como qualquer outra e, portanto, dotada de emoções, pensamentos e ideologias, que podem ou não mudar ao longo de sua vida, ou seja, um faraó não era estável e suas opiniões poderiam divergir das do seu antecessor. Além disso, as decisões deste governante nem sempre eram aceitas pelas pessoas e o Egito Antigo não foi uma unidade homogênea.

Um exemplo de rejeição à postura do faraó acontece com o Período de Amarna. A exclusão do, até então, deus dinástico, Amon, não foi bem recebida especialmente pelos sacerdotes. O clero de Amon, como foi apontado no primeiro capítulo, se fortificou durante a XVIII dinastia, exercendo uma grande força de influência no governo egípcio. Tal exercício possivelmente era visto como uma ameaça ao poder faraônico, uma vez que agora o rei dividia sua soberania com sacerdotes e vizires.

As conquistas territoriais que culminaram no Império Egípcio foram importantes para legitimar o faraó dentro e fora de seu território. Com isso, o Egito se manteve mais seguro de ataques estrangeiros e passou a receber tributos e promover acordos diplomáticos, resultando na riqueza e tranquilidade de cortes cosmopolitas como as de Tothmés IV e Amenhotep III.

¹²⁸ Este dado foi constatado durante um período de estágio no Museu Egípcio e Rosacruz de Curitiba (junho/2011 – junho/2013), quando pude observar que ao realizar palestras de monitoria para colégios e perguntar para as crianças “Quantos anos um faraó tinha quando chegava ao poder?”, muitas vezes obtive um número maior que cem anos, quando não mais de mil, como resposta, especialmente por alunos de até sexto ano de escolas públicas.

¹²⁹ SAUNERON, Serge. *Op. Cit.*

Apesar de não sabermos ao certo quais foram as motivação de Akhenaton para a instauração do novo culto, sabemos que quando Amenhotep IV assume o trono, a região estava em um período de calma e enriquecimento. Uma corrente dos estudos amarnianos defende a legitimidade espiritual e afetiva de Akhenaton com o deus Aton, outra afirma que as mudanças são políticas, em resposta ao crescimento do clero. É possível, porém, que ambas fossem motivações genuínas.

O Império proporcionou o fortalecimento da figura do faraó, ao mesmo tempo em que aumentou a influência religiosa no governo. Deste modo, para assegurar sua posição, o rei egípcio recorreu a crescente força de Aton, destarte, ainda haveria um clero com o qual o faraó dividiria seu poder, por isso Akhenaton assume a função de sacerdote. Enquanto a posição soberana do faraó era retomada através da solarização religiosa e da calmaria momentânea, Tebas – símbolo de Amon e da resistência aos ataques estrangeiros – perdia sua simbologia aos olhos do faraó. Com Tebas não fazendo sentido para o novo culto, Akhenaton manda construir Akhetaten para representar as mudanças como nova capital.

É bastante provável que Nefertiti apoiasse – e opinasse – as decisões do marido, visto que mudou seu nome para Nefernefruaten-Nefertiti ainda antes de Amenhotep IV mudar seu nome para Akhenaton, por exemplo.

As representações de Nefertiti a mostram com posições de privilégio, assumindo o sacerdócio de Aton juntamente com o marido, sendo cultuada como filha do deus, utilizando uma coroa que não foi usada por nenhuma outra rainha – a coroa azul –, etc. Tais aspectos já seriam suficientes para afirmarmos que Nefertiti exerceu influência durante o governo do marido. Destarte, ainda podemos conferir a ela um papel de governante, mesmo que não oficial.

Ainda antes do Período de Amarna, as esculturas de deuses e deusas egípcias recebiam características faciais de reis e rainhas de seu período, uma vez que isso era uma forma de expressar a crença no faraó como representante divino¹³⁰. Assim, o fenômeno de Nefertiti aparecer na arte de forma muito similar ao Akhenaton, segundo Arnold, pode estar relacionado à aproximação do casal com sua divindade. Se Akhenaton era considerado filho de Aton, dar à Nefertiti características que a aproximem fisicamente do marido confere a ela uma relação íntima com o deus.

¹³⁰ ARNOLD, Dorothea. *Op. Cit.*, p. 18.

Evidentemente Nefertiti teve um papel religioso muito importante, mas isso sozinho não significa que ela teve uma participação política no governo. Já foi sugerido que Nefertiti assumiu a corregência do Egito ¹³¹. No ano 14 de reinado de Akhenaton a rainha desaparece das fontes, não se sabe se ela teria morrido ou apenas foi substituída por outra esposa de seu marido, Kiya. Esse desaparecimento é justificado, por autores que defendem a corregência de Nefertiti, através de uma nova mudança de nome. Nos últimos dois anos de reinado de Akhenaton, um faraó chamado Nefernefruaten-Smenkhkara assumiu o trono, assim, acredita-se que a rainha tenha substituído o nome Nefertiti por Smenkhkara, uma vez que o nome Nefernefruaten coincide, mas não há documentos que comprovem essa teoria.

Além disso, Nefertiti não aparece nas Cartas de Amarna, diferentemente de Tiye, que é mencionada e recebe uma carta diretamente para si. O próprio título “Senhora das Duas Terras” que recebe não é novo, e já tinha sido usado por Hatshepsut antes dela assumir o poder. Contudo, o título de Nefertiti aparece na mesma forma que o título do rei, “Senhor das Duas Terras”, colocando-o em um cartucho a frente de seu nome, utilizando-se de dois cartuchos. Outro aspecto que confere singularidade à Nefertiti é o fato de ela aparecer, na tumba de Panehsy, usando a coroa *atef* – símbolo de Osíris, nunca usado por mulheres antes, exceto por Hatshepsut ¹³². É importante lembrar, porém, que Hatshepsut foi aceita como faraó enquanto Nefertiti era apenas a rainha.

A imagem de Nefertiti subjulgando inimigos é outro exemplo que merece atenção. O ato tipicamente masculino pode significar que a rainha assumiu ofícios que antes cabiam ao rei. Já se pode afirmar que Nefertiti adquiriu o mesmo *status* do faraó para a realização de cultos e cerimônias religiosas.

Tiye, por outro lado, não parece participar do culto ao deus Aton, mas é bastante presente nas questões políticas do Egito com o exterior. As referências que Tushratta faz à rainha não deixam dúvidas sobre o conhecimento político que ela tinha:

Tiye, sua mãe, sabe todas as palavras que eu falei com seu pai. Ninguém mais as sabe. Você deve perguntar para Tiye, sua mãe, sobre elas, para que ela possa te dizer ¹³³.

¹³¹ GRAVES-BROWN, Carolyn. *Op. Cit.*, p. 156.

¹³² *Idem*

¹³³ Trecho da carta EA 28. Tradução própria, do inglês. MORAN, William L. *Op. Cit.*, p. 91.

As recorrentes menções à Tiye demonstram que, ao menos sobre os assuntos de Mitani, a rainha estava ciente politicamente, tanto durante o governo de Amenhotep III, quanto no de seu filho. O ápice está na carta EA26, endereçada diretamente para ela.

É possível que com a aparente paz em que o Egito se encontrava quando Amenhotep IV assumiu o trono, tal faraó não visse necessidade em manter as relações com o exterior, uma vez que o Egito agora havia se afirmado como um Grande Poder. A negligência de Akhenaton, não enviando o que fora combinado, leva seu aliado Tushratta a recorrer à pessoa que ele considerasse mais influente no Egito – depois do faraó –, para convencer Akhenaton a cumprir com os acordos estabelecidos no governo anterior.

A estima por Tiye também está expressa nas cartas em forma de presente. Por mais que as cartas enviadas para Akhenaton fossem bastante diretas cobrando os acordos não mantidos e fazendo ameaças sutis, Tushratta frequentemente enviou óleos perfumados e pedras incrustadas em ouro para a rainha.

A deificação de Tiye na Núbia só nos mostra que esta rainha teve grande participação nos assuntos estrangeiros. Ao que parece, apesar de ser considerada uma “plebeia” em comparação ao seu marido, Tiye foi muito bem aceita na sociedade egípcia, sendo a Esposa Principal do Rei durante todo o governo de Amenhotep III e respeitada com o título de Mãe do Rei no reinado de Akhenaton.

Com isso, podemos afirmar que, por mais que nos pareça, o faraó não governa sozinho, mas está rodeado de pessoas – no caso, as rainhas – que o influenciam e alertam sobre suas escolhas, mesmo que a palavra final caiba ao rei.

Enquanto Tiye parece ter se destacado no governo de Amenhotep III e mantido a posição de privilégio no exterior durante o governo de seu filho, Nefertiti aparece com força dentro do território egípcio, sendo parte no novo culto armaniano e assumindo representações incomuns para rainhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentação:

MORAN, William. *The Amarna Letters*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.

MURNANE, William J. *Texts from the Amarna Period in Egypt*, Atlanta: Scholars Press, 1995.

Referências imagéticas:

- Sites:

Ägyptisches Museum und Papyrussammlung der Staatlichen Museen:
<http://www.smb.museum/>

Ancient History Encyclopedia: <http://www.ancient.eu/>

British Museum: <http://www.britishmuseum.org/>

Museum of Fine Arts, Boston: <http://www.mfa.org/>

The Metropolitan Museum of Art: <http://www.metmuseum.org/>

- Livros:

ARNOLD, Dorothea (org). *The Royal Women of Amarna: Images of Beauty from Ancient Egypt*. Nova York: Happy N. Abrams, Inc, The metropolitan Museum of Art, 1996.

BRAND, Peter J & COOPER, Louise. *Causing His Name To Live*. Boston: Brill, 2009.

DODSON, Aidan. *Amarna Sunset: Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb, and the Egyptian Counter-Reformation*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009.

MURNANE, William J. *Texts from the Amarna Period in Egypt*, Atlanta: Scholars Press, 1995.

Bibliografia consultada:

ALDRED, Cyril. *Akhenaten. King of Egypt*. Londres: Thames and Hudson Ltd, 1994.
_____. *Os Egípcios*. Lisboa: Editorial Verbo, 1966.

ARNOLD, Dorothea (org). *The Royal Women of Amarna: Images of Beauty from Ancient Egypt*. Nova York: Happy N. Abrams, Inc, The metropolitan Museum of Art, 1996.

- BAKOS, Margaret M. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- BRAND, Peter J & COOPER, Louise. *Causing His Name To Live*. Boston: Brill, 2009.
- CASSON, Lionel. *Everyday Life in Ancient Egypt*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.
- COELHO, Liliane C. & SANTOS, Moacir E. "A escrita da história do Egito Antigo". IN: *NEARCO*, Rio de Janeiro, ano VII, nº 1, 2014, pp. 260-284.
- COHEN, Raymond & WESTBROOK, Raymond (org). *Amarna Diplomacy: the beginnings of international relations*. Baltimore, The John Hopkins University Press, 2000
- DODSON, Aidan. *Amarna Sunset: Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb, and the Egyptian Counter-Reformation*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009.
- DONADONI, Sergio (org). *O Homem Egípcio*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- EMBERING, Geoff & TEETER, Emily. *The Ancient Near East in time of Tutankhamon: a self-guided tour*. Chicago: The Oriental Institute Museum: University of Chicago, 2006.
- ERMAN, Adolf. *A Handbook of Egyptian Religion*. Londres: Archibald Constable & Co. Ltd, 1907.
- FRONZA, Vanessa. *Legitimidade e Poder no Egito Faraônico: A Retomada do culto de Amon na estela da restauração (1336 A.C./1327 A.C.)*. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal do Paraná, 2011.
- GRALHA, Julio. *Senhora da Casa, Deusa, Faraó: as várias imagens da mulher egípcia*. **Site NetHistória**. Brasília, set. 2003. Sessão Ensaios.
- GRAVES-BROWN, Carolyn. *Dancing for Hathor. Women in Ancient Egypt*. Londres: Continuum, 2010.
- GRIMAL, Nicolas. *História do Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GEE, John. "Egyptologists' fallacies: fallacies arising from limited evidence". IN: *Journal of Egyptian History*, vol. 3, n. 1, 2010, pp. 137 – 158.

HAT, George. *The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*. Nova York: Routledge, 2005.

HUSAIN, Shahrukh. *O Livro de Ouro da Mitologia Erótica*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

JOHNSON, W. Raymond. "Amenhotep III and Amarna- Some New Considerations" IN: *The Journal of Egyptian Archaeology*. v. 82, 1996, pp.65-82.

MURRAY, Margaret A. *The Splendour that was Egypt*. Londres: Book Club Associates, 1977.

MYNAROVA, Jana. "Being a Loyal Servant. Egypt and the Levant from the Perspective of Juridical Terminology of the 18th Dynasty". IN: *Journal for Ancient Near Eastern and Biblical Law*, n. 19, 2013, pp. 79 - 87.

_____. *Egypt and the Near East – the Crossroads*. Praga: Czech Institute of Egyptology, 2011.

_____. *Language of Amarna – Language of Diplomacy*. Perspectives on the Amarna Letters. Praga: Czech Institute of Egyptology, 2007.

ROSALIE, A. & DAVID, A. E. *A Biographical Dictionary of Ancient Egypt*. Londres: Seaby, 2013.

VAN SETERS, John. *Em Busca da História: historiografia no mundo antigo e as origens da história bíblica*. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, M. E. *Recriando e Divulgando o Egito Antigo no Brasil*. O Lince, Aparecida, 20 fev. 2010.

SAUNERON, Serge. *The priests of ancient Egypt*. New York: Grove Press, 1980

SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Nova York: Oxford University Press, 2003.

SHAW, Ian & NICHOLSON, Paul. *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*. Londres: British Museum Press, 1995.

SHIRLEY, J. J. “Viceroys, Viziers & The Amun Precinct The Power of Heredity and Strategic Marriage in the Early 18th Dynasty”. IN: *Journal of Egyptian History*, vol. 3, n. 1, 2010, pp. 73 – 113.

SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Nefertiti, sacerdotisa, deusa e faraó*. Rio de Janeiro: Madras, 2012.

STEINDORF, George & SELEE, Keith C. *When Egypt Ruled the East*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957.

WATTERSON, Barbara. *Women in Ancient Egypt*. Stroud: Amberley, 2013.

_____. *Amarna. Ancient Egypt's Age of Revolution*. Stroud: Tempus, 2002.

ANEXOS

Mapa mostrando a maior expansão territorial no Reino Novo, c. 1450 AEC.



Fonte: <http://www.ancient.eu/image/538/>

Mapa do Antigo Egito, mostrando o Rio Nilo até a quinta catarata e algumas das maiores cidades entre c. 3150 e 30 AEC.



Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Ancient_Egypt_map-en.svg#filelinks